

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE FILOSOFIA**

DANILO NUNCIARONI

**A BUSCA E ENCONTRO COM A VERDADE EM SANTO AGOSTINHO: UM
CAMINHO PARA O SENTIDO DA VIDA**

CAMPINAS

2021

DANILO NUNCIARONI

**A BUSCA E ENCONTRO COM A VERDADE EM SANTO AGOSTINHO: UM
CAMINHO PARA O SENTIDO DA VIDA**

Projeto de Trabalho de Conclusão de
Curso de Filosofia da Pontifícia
Universidade Católica de Campinas,
sob orientação do Pe. Dr. José Antonio
Trasferetti.

CAMPINAS

2021

DANILO NUNCIARONI

**A BUSCA E ENCONTRO COM A VERDADE EM SANTO AGOSTINHO: UM
CAMINHO PARA O SENTIDO DA VIDA**

Projeto de Trabalho de Conclusão de
Curso de Filosofia da Pontifícia
Universidade Católica de Campinas,
sob orientação do Pe. Dr. José Antonio
Trasferetti.

Trabalho julgado e aprovado pelo docente responsável em:

 / /

Prof. Dr. Pe. José Antonio Trasferetti – PUC Campinas

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, Criador de todas as coisas e Verdade Eterna. A Maria Santíssima, Virgem das Graças, por cuidar de mim e proteger-me sempre. Ao Gloriosíssimo e castíssimo São José, por me ensinar a cada dia a ser um homem melhor. A Santo Agostinho, amigo e mestre do céu, na qual confiei esta monografia.

Ademais, expresso minha gratidão:

A minha família, de forma carinhosa, aos meus pais, por todo cuidado, carinho e zelo que tiveram na minha criação, bem como, no apoio a minha vocação sacerdotal.

A Arquidiocese de Campinas, na pessoa do Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Dom João Inácio Muller, Arcebispo Metropolitano de Campinas e Grão-Chanceler da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Aos meus formadores, Pe. Paulo Staut, Pe. Jonas Barbosa e Pe. Odair Costa Nogueira, por todo carinho e atenção pela minha pessoa.

Aos meus amigos e irmãos de seminário, por todo convívio e auxílio.

A Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em seus funcionários e docentes, pela oportunidade do Bacharelado em Filosofia.

Ao Prof. Dr. Pe. José Antônio Trasferetti, pelo cuidado e orientação desta monografia.

A todas as pessoas, que direta ou indiretamente, me ajudaram durante esse tempo de formação e monografia, principalmente aquelas que no silêncio fazem constantes orações de intercessão.

RESUMO

O presente trabalho monográfico tem por objetivo apresentar e desenvolver o tema Verdade dentro do pensamento de Santo Agostinho (354-430). Será demonstrado o caminho percorrido pelo Doutor da Igreja, na busca e encontro com essa Verdade e a importância desse encontro para ter-se um sentido na vida. Mostrar-se-á a crise de existência do mundo moderno, suas principais causas e a necessidade de o homem voltar-se para Deus, único capaz de preencher seu vazio e desejo de eternidade. Por fim, será apresentado a necessidade da Verdade para uma vida feliz e realizada, bem como, os meios para alcançá-la.

Palavras-chave: Verdade; Sentido; Felicidade; Imutável; Eternidade.

ABSTRACT

The purpose of this monograph is to present and discuss the theme of Truth about the thought of St. Augustine (354-430), referred as the Doctor of Church. His search and encounter with this Truth as well as the importance of this encounter in order to have a meaning in life is demonstrated. This work also shows the existence crisis in the modern world, its main causes and the men need to turn to God, the only one capable of filling his emptiness and desire for eternity. Finally, the need for the Truth to enjoy a happy and fulfilled life is presented, as well as the means to achieve it.

Keywords: Truth; Sense; Happiness; Immutable; Eternity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
I. O QUE É A VERDADE EM SANTO AGOSTINHO	9
1. CONTEXTO HISTÓRICO E BIOGRÁFICO.....	9
2. A VERDADE PARA OS ANTIGOS PENSADORES	12
2.1. HERÁCLITO.....	12
2.2. PARMÊNIDES	13
2.3. PROTÁGORAS	13
2.4. SÓCRATES	13
2.5. PLATÃO.....	15
2.6. ARISTÓTELES.....	17
3. DEFINIÇÃO DE VERDADE NO PENSAMENTO AGOSTINIANO	21
II. A BUSCA E ENCONTRO COM A VERDADE.....	24
1. O PRAZER NA BUSCA PELA VERDADE E FELICIDADE.....	24
2. A BUSCA DA VERDADE PELO CONHECIMENTO.....	26
2.1. MANIQUEÍSMO	28
2.2. A ORIGEM DO MAL.....	29
3. A ILUMINAÇÃO DIVINA.....	33
III. A VERDADE COMO SENTIDO DA VIDA	38
1. A PERDA DO SENTIDO PARA O HOMEM MODERNO	38
1.1. NILISMO	40
1.2. RACIONALISMO.....	41
1.3. MATERIALISMO	43
1.4. ATEÍSMO.....	44
2. A VERDADE PARA UMA VIDA BEATA	46
3. O CRISTO COMO CAUSA DE TODA VERDADE	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
BIBLIOGRAFIA.....	54

INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico pretende apresentar o pensamento de Santo Agostinho, Doutor da igreja e um dos grandes filósofos medievais. Responsável pelo nascimento da filosofia cristã, fez uma síntese entre fé, filosofia e vida, sendo para ele a fé uma clareza para a razão e a razão um estímulo e impulso para a fé. Nesse trabalho o tema e assunto a ser tratado será a verdade no pensamento agostiniano, sendo esse pensamento um caminho para a felicidade e o sentido da vida para o homem.

Desde os filósofos antigos, o homem inquieto consigo mesmo busca resposta e solução para seus questionamentos, sendo um desses a busca pelo sentido da própria vida. Essa busca passa pelo desejo de conhecimento e da sabedoria como um meio para preencher o vazio existencial. Nesse caminho surgem os questionamentos: O que é a verdade? O que é a vida? Qual a finalidade de todas as coisas? Dentro desse contexto surge Santo Agostinho, influenciado pela filosofia antiga ele busca respostas para suas inquietações, sendo a principal delas a busca pela verdade. É a partir dessa busca que toda a filosofia agostiniana tem sua base, compreender e encontrar-se com a verdade e a partir dela dar sentido para a vida.

Entrega à verdade tudo o que dá verdade tens recebido, e nada perderás; re florirá tudo que em ti estiver apodrecido, todas as tuas doenças serão curadas, as tuas fraquezas serão reparadas, renovadas estarão estreitamente ligadas a ti, e não te arrastarão para o abismo, mas subsistirão contigo junto a Deus, que é sempre estável e presente.¹

Nos tempos atuais podemos perceber uma grande crise existencial em meio a sociedade. O homem perdeu o sentido da própria vida, e o ponto de partida para essa crise acontece pela distorção da verdade. Muitos são os caminhos e as verdades apresentadas ao homem, porém nada tem preenchido o vazio e acalmado a inquietação da alma humana.

O homem quer ser feliz, quer ser realizado, isso é algo presente em todas as pessoas, porém essa busca tem se dado por meios contrários. A

¹ AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1984. p 88

verdade perdeu seu valor e sentido no mundo atual, o que importa para a sociedade não é mais compreender a verdade, mas sim aquilo que cada um considera ser a sua verdade.

No primeiro capítulo serão introduzidos a busca e compreensão de verdade para os filósofos antigos. Ademais, serão explicitados o tema Verdade dentro do pensamento agostiniano e sua ligação com Deus.

No segundo capítulo, serão demonstrados os caminhos percorridos por Santo Agostinho, na busca da verdade e sentido da vida, bem como, seu anseio pela sabedoria e como a sociedade atual tem buscado da mesma forma essa verdade. Ademais, serão desenvolvidas as questões acerca da Teoria da Iluminação Divina, como uma forma de encontrar-se com a verdade.

No terceiro capítulo, abordar-se-á os principais motivos da falta de sentido no mundo moderno e a importância da Verdade para se ter uma vida Feliz. Será abordado como último ponto, a ligação da Verdade Suprema e Imutável diante de todo conhecimento e sabedoria do homem.

Por fim, finalizar-se-á com uma conclusão de tudo quanto foi trabalhado e discutido ao longo da monografia.

I. O QUE É A VERDADE EM SANTO AGOSTINHO

1. CONTEXTO HISTÓRICO E BIOGRÁFICO

Aurélio Agostinho, Santo Católico e Doutor da Igreja, considerado um dos maiores pensadores da filosofia antiga e medieval, nasceu no ano de 354 em Tagaste, uma antiga cidade da Numídia, no Norte da África.

Seu pai, Patrício, era um pagão e pequeno proprietário de terra, possuía grande orgulho e admiração pelo filho, o que o levou a fazer sacrifícios pela educação de Agostinho, sendo nesse tempo a educação uma das poucas oportunidades para se alcançar o sucesso entre os homens. Mônica, sua mãe, era uma devota cristã, que desde cedo tentou ensinar os caminhos da religião para seu filho, porém ela mesma optou por não o batizar quando criança, por medo dos caminhos que o filho poderia escolher no futuro. Agostinho sempre mostrou um grande amor pela sua mãe, algo muito presente em sua obra, *Confissões*. Alguns biógrafos acreditam que teve pelo menos um irmão, Navígio e talvez duas irmãs.²

Quando jovem, Agostinho experimentou as paixões desordenadas, algumas na qual levou por anos numa batalha espiritual. Nas *Confissões*, ele relata suas misérias e corrupções de sua alma. Quando tinha dezesseis anos, foi obrigado parar os estudos de literatura e oratória em Madaura e a voltar para sua cidade de origem, onde pelo ócio acabou se entregando às tentações da sensualidade e da devassidão.

Mas quando, aos dezesseis anos, as necessidades domésticas me forçaram a interromper os estudos por algum tempo, e eu, livre de qualquer escola, passei a viver com meus pais, os espinhos das paixões me subiram à cabeça, sem que houvesse mão para os arrancar.³

E também:

Nada é tão digno de censura como o vício; no entanto, para não ser censurado, eu mergulhava ainda mais no vício; quando não me podia

² CF. REALE, Giovanni: ANTISERI, Dario. **FILOSOFIA**: Antiguidade e Idade Média. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2017, p 445.

³ AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1984, p48.

igualar a meus companheiros corruptos, fingia ter praticado o que não praticara, para não parecer desprezível pela inocência ou ridículo por ser casto.⁴

Em 371, parte para Cartago pela primeira vez, através da ajuda financeira de um amigo de seu pai. Nessa nova cidade, Agostinho continua a experimentar as paixões, muitas vezes relatadas por ele como uma busca desenfreada dos sentidos. “Vim para Cartago e logo fui cercado pelo ruidoso fervilhar dos amores ilícitos. Ainda não amava, e já gostava de ser amado, e, na minha profunda miséria, eu me odiava por não ser bastante miserável.”⁵

Na mesma cidade, ele acaba por ter contato com as obras de Hortêncio de Cícero, despertando nele um amor pela sabedoria e conhecimento, convertendo-o para a filosofia. “Devo dizer que ele mudou os meus sentimentos e o modo de me dirigir a ti; ele transformou as minhas aspirações e desejos.”⁶

Sua busca por sabedoria, o levou até as Sagradas Escrituras, na Bíblia procurou respostas para suas inquietações, mas acabou tendo uma grande decepção. O que ele leu parecia ter pouco ligamento com a sabedoria na qual procurava.

O que senti nessa época, diante das Escrituras, foi bem diferente do que agora afirmo. Tive a impressão de uma obra indigna de ser comparada à majestade de Cícero. Meu orgulho não podia suportar aquela simplicidade de estilo. Por outro lado, a agudeza de minha inteligência não conseguia penetrar-lhe o íntimo. Tal obra foi feita para acompanhar o crescimento dos pequenos, mas eu desdenhava fazer-me pequeno, e, no meu orgulho sentia-me grande.⁷

No ano de 373, conheceu e abraçou o maniqueísmo, seita que eliminava a necessidade da fé, através de um racionalismo. Sua doutrina também acreditava em um dualismo na concepção do bem e do mal, sendo uma luta perene entre Deus e a Matéria. “Caí assim nas mãos de homens desvairados pela presunção, extremamente carnais e loquazes.”⁸ Nesse mesmo ano ele inicia um relacionamento amoroso com uma jovem, gerando seu filho Adeodato.

⁴ AGOSTINHO. **Confissões**. p.49-50.

⁵ Ibid., p.61.

⁶ Ibid., p.66.

⁷ Ibid., p.68.

⁸ Ibid., p.68.

Agostinho parte para Roma e depois Milão, na qual terá um encontro com o bispo Ambrósio, responsável por catequizá-lo e batizá-lo futuramente.

Assim que cheguei a Milão, encontrei o bispo Ambrósio, conhecido no mundo inteiro como um dos melhores, e teu fiel servidor. Suas palavras ministravam constantemente ao povo a substância do seu trigo, a alegria do teu óleo e a embriaguez sóbria do teu vinho. Tu me conduziás a ele sem que eu o soubesse, para que eu fosse por ele conduzido conscientemente a ti.⁹

Uma das razões que animou Agostinho foram as leituras dos neoplatônicos, que levaram ele a buscar a verdade dentro de si, no seu íntimo, o que lhe chamou a atenção nesses escritos é a espiritualidade no desprezo pelas paixões. “Instigado por esses escritos a retornar a mim mesmo, entrei no íntimo do meu coração sob tua guia, e o consegui porque tu te fizeste meu auxílio.”¹⁰ Após esse encontro com o bispo Ambrósio e o contato com os neoplatônicos, ele inicia seu processo de conversão, sua renúncia as paixões desordenadas e sua adesão a fé católica, esse processo o faz buscar o batismo, junto com seu amigo Alípio e seu filho Adeodato, em 387.

Em seu retorno a Tagaste, ele vendeu todos os seus bens e fundou uma comunidade religiosa. Esse caminho cristão o torna sacerdote no ano de 391, pelo bispo Valério, e após quatro anos bispo de Hipona, local onde virá morrer em 430.

Santo Agostinho foi responsável por escrever várias obras, até hoje muito importantes tanto para a filosofia quanto para a teologia católica. Uma de suas obras principais são as Confissões, contendo autobiografia, onde ele se acusa e também mostra a misericórdia e amor de Deus diante de pecados. A obra também contém uma análise da existência e natureza de Deus, comentários de alguns versículos do livro de Gênesis e temas filosóficos.

⁹ AGOSTINHO. **Confissões**. p.133.

¹⁰ *Ibid.*, p.186.

2. A VERDADE PARA OS ANTIGOS PENSADORES

O tema sobre verdade sempre esteve presente na história da humanidade, desde os primórdios o homem reflete sobre essa questão e busca respostas diante de tantas explicações. Uma característica que diferencia o ser humano dos animais irracionais é a sua capacidade de refletir, pensar e buscar um sentido para a vida e foi exatamente essa busca pela verdade que gerou a filosofia, sendo a verdade um dos problemas fundamentais dos pensadores de todos os tempos.

De forma geral, a verdade seria a capacidade do intelecto compreender e adaptar-se à realidade, uma forma de abstrair a essência de algo, e através disso emitir juízos verdadeiros ou falsos, outros diriam que a verdade é aquilo que não pode ser alterado ou que existem várias verdades sem que haja entre elas alguma contradição. O próprio mito grego foi uma forma inicial de dar sentido a tudo e da busca pela verdade através de contos. Mais tarde para os pensadores gregos antigos, a verdade seria *Aletheia*, algo que se manifesta aos olhos do corpo e do espírito, não estando oculto ou escondido, a verdade estaria na evidência, na visão racional e intelectual sobre a realidade.

Nesse mesmo campo, temos Agostinho também questionando sobre o que seria a verdade, mas para que melhor se possa compreender o pensamento agostiniano sobre o tema, é preciso compreendermos o que os antigos pensadores, antes da era cristã, pensavam e definiam como verdade.

2.1 HERÁCLITO

.Aproximadamente entre os séculos VI e V a.C, Heráclito de Éfeso concebia a busca pelo conhecimento e a verdade como uma forma constante de mudança, tudo sempre estando em movimento, para demonstrar esse pensamento ele cita como exemplo o rio, na qual sempre está em movimento, fluindo. Ele também defendia que os opostos são características do mesmo, ser e não-ser, existindo de certa forma uma harmonia entre os opostos. Heráclito indicou o fogo como intercâmbio e princípio de todas as coisas e suas transformações, sendo esse fogo móvel.

Em Heráclito já emerge uma série de pistas concernentes à verdade e ao conhecimento. É preciso estar alertas em relação aos sentidos, pois eles se detêm nas aparências das coisas. E, assim, é preciso precaver-se das opiniões dos homens, baseadas nas aparências. A verdade consiste em captar, mais além dos sentidos, aquela inteligência que governa todas as coisas. Dessa inteligência, Heráclito se sente como o profeta, daí o caráter oracular das suas sentenças e o caráter hierático do seu dizer.¹¹

2.2 PARMÊNIDES

Outro Pré-Socrático que também trabalhou a questão da verdade foi Parmênides, nascido no século VI a.C. Se apresentando de forma radical e inovadora, ele apresenta o que seria o pensamento verdadeiro, através do princípio de verdade, o ser é e não pode não ser e não ser não é e não pode não ser. “Ser e não ser são, portanto, entendidos no significado integral e unívoco; o ser é o puro positivo e o não ser é o puro negativo, um é o absoluto contraditório do outro.”¹² Sendo esse ser não gerado, incorruptível e indivisível e conseqüentemente o ser é também imutável e imóvel.¹³ Um dos meios para alcançar a verdade é pela razão, pois os sentidos podem enganar o homem, levando ele ao erro e ilusões.

2.3 PROTÁGORAS

Protágoras foi um dos principais sofistas, ensinava que o homem é a medida de todas as coisas, para ele essa medida seria a capacidade da norma de juízo, ou seja, pela experiência e sentidos o homem seria capaz de fazer juízo sobre algo. Através de seus ensinamentos buscava negar um critério para discriminar se algo era verdadeiro ou falso, o ser e não ser. O critério seria o próprio homem e somente o homem. “Para Protágoras, portanto, tudo é relativo: não há um “verdadeiro” absoluto e sequer há valores morais absolutos (“bens” absolutos).”¹⁴

2.4 SÓCRATES

Sócrates nasceu em Atenas no ano de 470/469 a.C., e seu método era de questionar seu interlocutor, levando-o a descobrir o erro e contradições

¹¹ REALE, **FILOSOFIA**: antiguidade e idade média. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2017. p. 37.

¹² Ibid. p. 48

¹³ Cf. Ibid. p. 49

¹⁴ Ibid. p. 75

no seu modo de pensar. Passou grande parte da vida pregando em praças e outros locais públicos e pelo aumento de sua fama e influência por parte dos jovens, acabou sendo condenado sobre a acusação de não crer nos deuses e por corromper os seus ouvintes.

Em sua busca pelo conhecimento e sabedoria, Sócrates chegou à descoberta da essência do homem, questionamento que sempre procurou responder.

“Os naturalistas tentaram responder ao problema: quais são a natureza e a realidade última das coisas; Sócrates, ao contrário, procura responder esta pergunta; “O que é a essência do homem?”. A resposta é, finalmente, precisa e inequívoca: o homem é a sua alma, pois é justamente a sua alma a diferenciá-lo de modo específico de qualquer outra coisa. E por “alma” Sócrates entende a razão e a sede da atividade pensadora e operadora. Em poucas palavras: a alma é, para Sócrates, o eu consciente, ou seja, a consciência e a personalidade intelectual e moral. Após essa descoberta, como tem sido justamente ressaltado, Sócrates iniciou a tradição moral e intelectual sobre a qual a Europa se construiu espiritualmente.”¹⁵

Nessa busca pela verdade, Sócrates provoca uma revolução sobre o entendimento dos valores.

“Os valores verdadeiros não são os ligados as coisas externas, como a riqueza, o poder, a fama, e se quer os ligados ao corpo, como a vida, o vigor, a saúde física e a beleza, mas somente os valores que se condensam todos no conhecimento.”¹⁶

Sendo para ele a natureza do homem a sua própria alma, pela razão e virtude o homem se aperfeiçoa e vive de forma plena sua essência, as virtudes são uma forma de ciência e conhecimento, porque é justamente por elas que se aperfeiçoam a alma e a razão.¹⁷

A realidade do mal, trabalhada futuramente por Agostinho, já era questionada também por Sócrates. “Segundo Sócrates, por sua natureza o homem busca sempre o próprio bem e, quando faz o mal, na realidade não o faz enquanto mal, mas porque espera tirar dele um bem.”¹⁸ Para ele o conhecimento é condição necessária para que o homem possa chegar até o bem e fazê-lo, e

¹⁵ REALE, p. 85

¹⁶ Ibid. p. 86.

¹⁷ Cf. Ibid. p. 87.

¹⁸ Ibid. p. 87.

isso muitas vezes passa pela escolha entre o bem e o mal, sendo essa escolha pelo mal, uma certa ignorância e erro da razão.

Dentro da realidade das virtudes, do bem e do mal, Sócrates descobre e dá um conceito à liberdade através do auto domínio como um caminho para a felicidade. “Homem verdadeiramente livre é aquele que sabe dominar seus instintos; escravo verdadeiro é aquele que não sabe dominá-los, tornando-se sua vítima.”¹⁹ Algo que séculos mais tarde agostinho dará uma visão cristianizada também é esse caminho pelo auto controle, pela ordem dos sentidos, como caminho para ser feliz.

Outra forma que Sócrates percorreu para alcançar a verdade, foi através do reconhecimento da sua pequenez e ignorância, pois apesar de suas falas, jamais se considerou um sábio.

Para Sócrates, a alma pode alcançar a verdade somente “se dela estiver grávida”; de fato, ele, como vimos, se professava ignorante e, portanto, negava decisivamente estar em condições de comunicar aos outros um saber ou, pelo menos, um saber constituído por determinados conteúdos. Mas como a mulher grávida necessita de obstetra para dar à luz, assim o discípulo que tem a alma grávida da verdade necessita de uma espécie de arte obstetrícia espiritual, que ajude essa verdade a vir à luz, e essa é exatamente a “maiêutica” socrática.²⁰

2.5 PLATÃO

Platão nasceu em Atenas em 428/427 a.C. Sabe-se por Aristóteles que Platão foi a princípio discípulo de Crátilo, um seguidor de Heráclito, e posteriormente seguidor de Sócrates. Foi autor de diversas obras e uma grande influência da filosofia de Agostinho.

Reavaliando o mito, Platão dá um novo sentido ao mito pré-filosófico que ainda não conhecia o *logos*²¹.

Trata-se de um mito que, como dissemos, não só é expressão de fé mais que estupor fantástico, mas é, do mesmo modo, um mito que não subordina a si o logos, mas serve de estímulo ao logos e o fecunda no sentido que explicamos, e por isso é um mito que, enquanto é criado,

¹⁹ REALE, p. 88.

²⁰ Ibid. p. 95.

²¹ A razão como 1º substância ou causa do mundo; 2º pessoa divina. Cf. ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 5. Ed. Ver. e aum. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. V. 1. p 728

é ao mesmo tempo também demitizado, e é pelo próprio logos despojado de seus elementos fantásticos, para fazê-los manter somente os poderes alusivos e intuitivos.²²

Com a teoria das ideias e dos princípios primeiros, Platão faz a descoberta da metafísica, onde tenta dar sentido as coisas através de uma realidade espiritual. “Isso significa que qualquer coisa física existente tem uma causa suprema e última que não é de caráter “físico”, mas como se dirá com termo cunhado sucessivamente, de caráter “metafísico””.²³

A filosofia platônica pode ser dividida em três principais pontos, a teoria das ideias, a doutrina dos princípios e o Demiurgo. Seguindo nesse caminho, Platão tenta dar sentido a existência, buscando a verdade e conhecimento das coisas, unindo a razão com o espiritual.

As ideias, em suma, não são simples pensamentos, mas são aquilo que o pensamento pensa, quando é liberado do sensível, são “o ser verdadeiro”, “o ser por excelência”. Em suma: as Ideias platônicas são as essências das coisas, isto é, aquilo que faz cada coisa ser aquilo que é.²⁴

Na doutrina dos princípios primeiros, Platão apresenta como princípio supremo o “Bem”, conforme pode-se observar em sua obra, A República, mas nas suas doutrinas não escritas ele chama esse bem de “Um”, pois para ele tudo que esse Um produz é em si mesmo o bem. “Ao Um contrapunha-se um segundo princípio, igualmente originário, mas de grau inferior, entendido como princípio indeterminado e limitado, e como princípio de multiplicidade”.²⁵

Da cooperação desses dois princípios originários brota a totalidade das Ideias. O Um age sobre a multiplicidade ilimitada como princípio limitante e determinante, ou seja, como princípio formal (princípio que dá forma, porque determina e de-limita), ao passo que o princípio da multiplicidade ilimitada funciona como substrato (como matéria inteligível, usando terminologia posterior). Cada uma e todas as Ideias resultam, conseqüentemente, como um “misto” dos dois princípios (delimitação de um “ilimite”). O Um, além disso, enquanto delimita, se manifesta como Bem, pois a delimitação do ilimitado que se configura, como uma forma de unidade na multiplicidade, é “essência”, “ordem”, perfeição, valor.²⁶

²² REALE, p 129.

²³ Ibid. p. 131.

²⁴ Ibid. p. 133

²⁵ Ibid. p. 138.

²⁶ Ibid. p. 138.

Platão tinha como explicação para o princípio do mundo sensível o Demiurgo.

A resposta de Platão é a seguinte. Existe um Demiurgo, em outras palavras, um deus-artífice, um deus pensante e desejante (e, portanto, pessoal), o qual, tomando como “modelo” o mundo das Ideias, plasmou a *chora*, ou seja, o receptáculo sensível, segundo esse “modelo”, e, desse modo gerou o cosmo físico.²⁷

Em comparação com os filósofos anteriores a Platão, observa-se que ele é o primeiro a definir de forma mais clara a questão do conhecimento, assim como os graus existentes nessa busca pela sabedoria. Ele também via a arte como uma forma de afastar o homem da verdade, em sua análise ele questiona o valor da arte e seus benefícios na alma do homem.

[...] a arte não desvela, mas vela o verdadeiro, porque não é uma forma de conhecimento; não melhora o homem, mas o corrompe, porque é mentirosa; não educa, mas deseduca, porque se dirige as faculdades não racionais da alma, que são nossas partes inferiores.²⁸

A retórica, mesmo sendo de grande importância na antiguidade clássica, também foi vista por Platão como uma mistificação do verdadeiro. “Segundo Platão, a retórica (a arte dos políticos atenienses e dos seus mestres) é mera bajulação, é lisonja, é adulteração, é falsificação do verdadeiro.”²⁹ Portanto para ele, tanto a arte como a retórica seriam formas de criar fantasmas e ilusões, ocultando a verdade.

Para Agostinho o amor é a busca constante e encontro com a verdade Suprema e Absoluta. Em Platão o amor é o desejo pelo absoluto, com muitos caminhos e graus a percorrer. “O amor (“o amor platônico”) é a saudade do Absoluto, transcendente tensão ao metaempírico, força que nos impele a voltar ao nosso estar-junto-aos-deuses originário.”³⁰

2.6 ARISTÓTELES

Aristóteles nasceu em 384/383 a. C. em Estagira, na Macedônia. Foi responsável pela educação de Alexandre, O Grande, quando esse tinha apenas

²⁷ REALE, p. 141.

²⁸ Ibid. p. 150

²⁹ Ibid. p. 151.

³⁰ Ibid. p. 154

13 anos. Seus escritos se dividem em dois grupos, os exotéricos, esses destinados aos grandes públicos e os esotéricos, destinados aos seus discípulos.

Na sua busca pela verdade, pelo caminho do conhecimento e sabedoria, Aristóteles divide dentro do campo da metafísica as ciências em três grupos.

A metafísica é vista em um primeiro momento como uma ciência que busca as causas primeiras. Mas é necessário definir quais são e quantas são essas causas. Aristóteles estabeleceu quatro delas: causa formal; causa material; causa eficiente; e causa final.³¹

A segunda definição dada por Aristóteles é a metafísica como ciência do ser quanto ser.

A metafísica, portanto, considera o ser como “inteiro”, ao passo que as ciências particulares considerem somente parte dele. A metafísica quer chegar às causas primeiras do ser como ser, ou seja, ao porquê que da razão da realidade na sua totalidade, ao passo que as ciências particulares se detêm nas causas particulares, nas simples secções da realidade.³²

Aristóteles não dá somente um significado ao ser, porém essa variedade não está fora uma da outra, mas em uma certa unidade. “Portanto, o ser ou é substância ou é afecção da substância ou atividade da substância – em todos os casos, algo que se refere à substância.”³³

Seguindo pelas definições, em terceiro, Aristóteles defini a metafísica como uma ciência de substância.

O ser, no seu significado mais forte, é a substância; e a substância, num sentido (impróprio), é matéria, num segundo sentido (mais próprio), é *sínoia*³⁴, e num terceiro sentido (e por excelência), é a forma;

³¹ Cf. REALE, p.197

³² Ibid. p. 198

³³ Ibid. p. 198

³⁴ Com este termo, que significa “uma coisa só”, Aristóteles indicou o composto de matéria e forma, a substância concreta. Cf. ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 5. Ed. Ver. e aum. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. V. 1. p. 1072.

ser é, portanto, a matéria; ser, em grau mais elevado é o *sínolo*; e ser é, no sentido mais forte, a forma.³⁵

A verdade aristotélica passa pela felicidade, sendo essa o fim supremo do homem, esse fim tem ligação ao bem supremo.

O bem supremo realizável pelo homem (e, portanto, a felicidade) consiste em aperfeiçoar-se como homem, ou seja, naquela atividade que diferencia o homem de todas as outras coisas. Portanto, não pode consistir no simples viver como tal, pois vivem até os seres vegetativos, e menos ainda na vida sensitiva, comum também aos animais. Não resta, pois, senão a atividade da razão: o homem que quer viver bem deve viver segundo a razão, sempre.³⁶

O pensamento de Aristóteles trabalha muito com as virtudes da alma, para ele essa seria uma felicidade presente na atividade da própria alma. “Concluindo, pode-se dizer que os verdadeiros bens do homem são os bens espirituais, que consistem na virtude da alma, e a felicidade reside nesses e em nenhum outro.”³⁷

A virtude estaria ligada a capacidade da alma racional, algo presente somente nos homens. A felicidade humana estaria no fato de controlar e conduzir as virtudes, fazendo delas uma espécie de hábitos e modo de viver.

Outro caminho para a felicidade apontada por Aristóteles é a amizade e o prazer. Ele acreditava que a amizade está ligada à virtude e três seriam os motivos do homem fazer amizade: o útil, o prazeroso e o bom. Cada um dos motivos tendo seu valor, sendo a verdadeira amizade buscada pelo bom.³⁸

Para o prazer, Aristóteles via como uma forma de atividade perfeita de cada momento.

Portanto, toda atividade tem seu prazer; por isso, cada prazer, no seu gênero, é exatamente verdadeiro prazer. Todavia, como há atividades convenientes e boas e atividades inconvenientes e não boas. Para qualificar o prazer, ou seja, para estabelecer um critério discriminatório e, portanto, uma hierarquia deles, Aristóteles, mais uma vez, se refere à virtude e ao homem virtuoso: ao homem bom, os prazeres parecem bons ou maus por motivos bem precisos de fundo.³⁹

³⁵ REALE, p. 201.

³⁶ Ibid. p. 217,218.

³⁷ Ibid. p. 217,218.

³⁸ Cf. Ibid. p.222.

³⁹ Ibid. p.223-224.

De uma forma ou outra, percebe-se que ao decorrer dos anos, vários pensadores buscaram a verdade, talvez não de forma tão consciente como veremos em Agostinho, mas a inquietação, a busca por ser feliz e compreender à vida são as mesmas. O homem quer preencher seu vazio e dar sentido a sua própria existência.

3. DEFINIÇÃO DE VERDADE NO PENSAMENTO AGOSTINIANO

A Verdade na filosofia de Agostinho está totalmente ligada a uma pessoa, Jesus Cristo, o Verbo Encarnado, a Verdade Suprema e Imutável. Agostinho via o desejo da Verdade dentro de todas as pessoas, para ele, todo ser humano possui um desejo pelo infinito, e o busca das mais diversas formas, até quando trilham por caminhos errados. “Tu o incitas para que sintas prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em Ti”.⁴⁰

Em sua concepção de Deus, Agostinho percebia um forte ligamento entre a verdade e o Eterno. “Agostinho entende “Verdade” em muitos significados. Quando entende no significado mais forte, ou seja, como Verdade suprema, ela coincide com Deus e com a segunda pessoa da Trindade[...].”⁴¹

Para Agostinho a verdade é a finalidade última do homem, quando o homem volta seu olhar para si mesmo, para seu interior, buscando seu verdadeiro valor diante das coisas e da própria vida.

Não procures fora de ti; entre em ti mesmo; a verdade se encontra no interior da alma humana; e se achares mutável a tua natureza, transcende também a ti mesmo. Cuida, porém, que, transcendendo a ti mesmo, tu transcendes a alma raciocinante, de sorte que o termo do transcendimento deve ser o princípio de onde se acende a própria luz do raciocínio. Com efeito, aonde chega um bom raciocinador a não ser na verdade? A verdade é algo que se constrói à medida que o raciocínio avança; pelo contrário, é um termo prefixado, meta na qual se detém após haver raciocinado. A essas alturas, um perfeitíssimo acordo final encerra tudo; sintonizados com ele. Persuade-te de que não é tu aquilo que é a verdade: ela não busca a si mesma; porém, és tu, diferente dela, que a procuras – bem entendido não no sensível, mas com afeto da alma -; eis que chegaste a ela, para que o homem interior se uma com o próprio hóspede interior num arrebuo de felicidade suma e espiritual.⁴²

O encontro com a verdade se dá através de uma entrega a ela.

Entrega à verdade tudo o que dá verdade tens recebido, e nada perderás; reflorirá tudo que em ti estiver apodrecido, todas as tuas doenças serão curadas, as tuas fraquezas serão reparadas, renovadas estarão estreitamente ligadas a ti, e não te arrastarão para o abismo,

⁴⁰ AGOSTINHO. **Confissões**. p. 15.

⁴¹ REALE, p. 458.

⁴² AGOSTINHO. *A verdadeira Religião; O cuidado devido aos mortos*, 2014, p. 63 Apud. REALE, **FILOSOFIA: antiguidade e idade média**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2017 p. 455.

mas subsistirão contigo junto a Deus, que é sempre estável e presente.⁴³

Para que uma verdade seja considerada como tal ela precisa ter algumas características.

Uma verdade é sempre uma proposição necessária e, por isso, imutável. Se digo que $7+3=10$, não digo que a soma desses números foi ou deveria ser igual a dez, mas que ela não pode ser e que, conseqüentemente, é eternamente verdadeiro que a soma deles seja igual a dez. Necessidade, imutabilidade, eternidade, tais são as características distintivas de toda verdade.⁴⁴

Em seu conceito de verdade, Agostinho faz uma divisão entre verdades eternas, que apresentam como características a necessidade, a imutabilidade e eternidade, ou seja, uma verdade que se origina do próprio Deus e as verdades contingentes, aquelas que podem ser mudadas e não são necessárias.⁴⁵

A resposta aparentemente mais evidente é que a verdade vem das coisas e que nossos sentidos a descobrem nelas. Mas podemos alcançar alguma verdade pelos sentidos? Seus objetos estão na via do escoamento contínuo. Ora, o que não tem estabilidade em si não pode favorecer a matéria para o conhecimento imutável que se nomeia ciência. Logo, não é pelos objetos sensíveis que se pode alcançar a verdade.⁴⁶

Fica claro para Agostinho que a verdade não é um efeito sobre a razão individual, já que ela é comum a todas as razões. A verdade é um tipo de luz, ao mesmo tempo secreta e pública, não de um homem particular, mas possuída por qualquer um. Existe um julgamento das coisas sensíveis, mas com as verdades inteligíveis não é julgada, mas sim encontrada e através dela julgada todo o resto.⁴⁷

Nas confissões, Agostinho chega à conclusão de que apesar da importância dos sentidos e da razão na busca pela verdade, é somente no

⁴³ AGOSTINHO. **Confissões**. p. 88.

⁴⁴ GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial/Paulus, 2010. p. 40.

⁴⁵ Cf. O ESTATUTO DA VERDADE EM SANTO AGOSTINHO. Anápolis: Faculdade Católica de Anápolis, 25 fev. 2017. Disponível em: <http://catolicadeanapolis.edu.br/revistamagistro/wp-content/uploads/2017/09/o-estatuto-da-verdade-em-santo-agostinho.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2021

⁴⁶ GILSON, **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. p. 41.

⁴⁷ Cf. *Ibid.* p. 41.

interior do homem que a verdade imutável habita. A verdade é o próprio Deus e a sua inquietação diante da vida é a busca por essa verdade.

Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais te amei! Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora! Eu, disforme, lançava-me sobre as belas formas das tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiriam se em ti não existissem. Tu me chamaste, e teu grito rompeu minha surdez. Fulguraste e brilhaste e tua luz afugentou a minha cegueira. Espargistes tua fragrância e, respirando-a, suspirei por ti. Eu te saboreei, e agora tenho fome e sede de ti. Tu me tocastes, e agora estou ardendo no desejo de tua paz.⁴⁸

E também:

Tu és a verdade que a tudo preside, e eu, na minha avidez, não queria perder-te, mas possuir a Ti e ao mesmo tempo a falsidade. Pois ninguém quer mentir tanto, a ponto dele mesmo ignorar a verdade. E assim te perdi, porque Tu não aceitas ser possuído juntamente com a mentira.⁴⁹

A verdade agostiniana é essência de todas as coisas. “Em vez de considerar a verdade como verdadeira, considerá-lá-emos como ser. Chama-se de verdade isso pelo que as coisas, na medida em que são, são verdadeiras.”⁵⁰ A verdade é vista por ele como a essência das essências, ou seja, a Verdade é Deus. “Com efeito, as coisas só são na medida em que são verdadeiras, de modo que a verdade descobre ser, por assim dizer, o fundamento da própria essência.”⁵¹

No livro XIII das Confissões, já tendo seu encontro com a Verdade, Agostinho faz uma análise sobre a criação, um louvor a Deus por tamanho amor e misericórdia para com ele. “Eu te invoco, “meu Deus, misericórdia minha”, que me criaste e não te esqueceste daquele que se esqueceu de ti.”⁵² Agostinho compreende, a verdade é uma pessoa Divina, criador de todas as coisas, a suprema felicidade, único capaz de dar real sentido à vida.

⁴⁸ AGOSTINHO. **Confissões**. p. 61.

⁴⁹ *Ibid.* p.318.

⁵⁰ GILSON, **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. p. 116.

⁵¹ *Ibid.* p. 116.

⁵² AGOSTINHO. **Confissões**. p. 399

II. A BUSCA E ENCONTRO COM A VERDADE

1. O PRAZER NA BUSCA PELA VERDADE E FELICIDADE

Em sua longa e agitada vida, Agostinho também buscou, como a grande maioria das pessoas, a verdade pelos caminhos errados. Sua entrega as paixões, sua busca pelo prazer, é de certa forma, uma procura pela felicidade e um anseio por dar sentido a própria vida.

Desde a adolescência, ardi em desejos de me satisfazer em coisas baixas, ousando entregar-me como animal a vários e tenebrosos amores! Desgastou-se a beleza da minha alma e apodreci aos teus olhos, enquanto eu agradava a mim mesmo e procurava ser agradável aos olhos dos homens.⁵³

E também.

E o que é que me encantava, senão amar e ser amado? Mas, eu não ficava na medida justa das relações de alma para alma, dentro dos limites luminosos da amizade. Do lodo dos desejos carnavais e da própria natureza da puberdade emanavam vapores que me enevoavam e ofuscavam o coração, a ponto de não mais distinguir entre um amor sereno e as trevas de uma paixão. Um e outro ardiam confusamente em mim, arrastando a minha fraca juventude pelos despenhadeiros das paixões, e a submergiam num abismo de vícios.⁵⁴

Seu amor desordenado pelas paixões o fez cair por anos em vícios, muitos do qual ele combateu mesmo após sua conversão. “Ora, o mal moral, considerado na disposição da vontade que o determina, é o vício; o bem moral, ou boa disposição da vontade, é a virtude.”⁵⁵

Na sua obra *Confissões*, quando contava com dezesseis anos, ele percebe a maldade que existia diante do prazer em cometer um roubo. “Eu quis roubar, e o fiz, não por necessidade, mas por falta de justiça e aversão a ela por excesso de maldade.”⁵⁶

Agostinho percebe o prazer desordenado e maldoso sobre esse fato. “Roubei de fato coisas que já possuía em abundância e da melhor qualidade; e

⁵³ AGOSTINHO. *Confissões*. p. 45.

⁵⁴ *Ibid.* p.45-46.

⁵⁵ GILSON, *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. p. 317.

⁵⁶ AGOSTINHO. *Confissões*. p. 51.

não para desfrutar do que roubava, mas pelo gosto de roubar, pelo pecado em si. [...] Nosso prazer era apenas praticar o que era proibido.”⁵⁷

Agostinho, já convertido, percebe que as paixões, os prazeres do mundo, dão certa satisfação ao homem, mas somente Deus é capaz de preencher o vazio do ser humano e saciar as exigências de sua alma.

E agora, Senhor meu Deus, procuro o que me seduziu nesse furto. Não possuo beleza alguma. E não falo da beleza que reside na justiça ou na sabedoria, nem da beleza da inteligência humana, da memória, dos sentidos e de toda a vida vegetativa, nem da beleza das estrelas na harmonia do firmamento, nem da beleza da terra e do mar, cheios de vidas que nascendo tomam o lugar dos mortos. E tampouco falo da beleza limitada e ilusória dos vícios sedutores. A soberba quer imitar a grandeza, enquanto somente tu és o Deus altíssimo que estás sobre todas as coisas.⁵⁸

No prazer, o homem não consegue saciar sua sede de infinito. “A luxúria quer ser chamada de saciedade e abundância; mas só tu és a plenitude, tu és a fonte da suavidade inexaurível e incorruptível.”⁵⁹

O pecado é amar da forma errada, é um amor voltado as criaturas e não ao criador. “É assim que o homem peca, quando se afasta de ti e busca fora de ti a pureza e a limpidez, que ele não pode encontrar senão voltando para ti.”⁶⁰

Em todas as pessoas encontram-se dois desejos, amar e ser amado. Apesar de ter consciência dessa necessidade, Agostinho seguiu por caminhos contrários, amando da forma errada e desejando ser amado onde não existe o amor.

Desejando amar, procurava um objeto para esse amor, e detestava a segurança, as situações isentas de risco. Tinha dentro de mim uma fome de alimento interior, fome de ti, ó meu Deus. Mas, não sentia essa fome, porque não me apeteciam os alimentos incorruptíveis, não por estar saciado, mas porque, quanto mais vazio, mais enfastiado eu me sentia.⁶¹

⁵⁷ AGOSTINHO. **Confissões**. p.51.

⁵⁸ *Ibid.* p.53-54.

⁵⁹ *Ibid.* p.54.

⁶⁰ *Ibid.* p.55.

⁶¹ *Ibid.* p.61.

2. A BUSCA DA VERDADE PELO CONHECIMENTO

O conhecimento foi um meio na qual Agostinho percorreu em busca da verdade, pela razão e pelos sentidos ele mostra ser possível adquirir certas verdades.

O que é o conhecimento? Inicialmente, conhecer é sentir, isto é, perceber através dos sentidos as qualidades das coisas. Ora, esse conhecimento sensível não é ele mesmo um, pois há qualidades cuja percepção pertence propriamente a certos sentidos, ao passo que outras podem ser percebidas por vários sentidos diferentes. O sensível próprio da visão é a cor; o do olfato é o odor; do gosto, o sabor; do tato é o conjunto das qualidades táteis como o duro e o mole, o liso e o rugoso, e assim por diante. Em contraposição, as qualidades como a grandeza a pequenez, o ser redondo e outras do mesmo gênero podem ser percebidas tanto pela visão quando pelo tato; por isso, elas não são os sensíveis próprios, mas os sensíveis comuns. [...] Por outro lado, ainda que não tenham razão, até as bestas são capazes de sentir impressões interiores de desejo ou repugnância em face de alguns objetos. Então deve haver nos animais e nos homens um sentido interior superior aos sentidos externos, ainda que inferior à razão, ao qual todas as sensações exteriores são reportadas; é ele que, no homem, discerne os sensíveis comuns e que, nos animais, percebe o que os objetos têm de útil ou de nutritivo; mas este sentido interno, por sua vez, deve ser ultrapassado.⁶²

Pelo conhecimento, o homem tem a possibilidade de conhecer a si mesmo, de chegar ao seu interior unindo a fé com a razão.

Qualquer que seja a operação intelectual realizada pelo homem, ela tem sempre por objeto descobrir uma verdade desconhecida; nosso destino é o de um ser ignorante em busca do que ignora, de sorte que a vida do pensamento é essencialmente investigação; suponhamos, então, que essa investigação se torne para si mesma o seu próprio objeto e perguntemos em quais condições é possível o desenvolvimento de um pensamento em busca de verdades desconhecidas.⁶³

O conhecimento pode ser dividido em três realidades, conforme aponta Gilson em sua obra.

Com efeito, saber com ciência certa é conhecer pela razão; os sentidos não podem se elevar à ciência e, de fato, se é pela visão que percebemos as cores e pela audição que percebemos os sons, não é nem pela visão, nem pela audição, nem mesmo pelo sentido interior comum aos homens e às bestas que sabemos que os sons não são percebidos pela visão, nem as cores pela audição. Nada mais evidente, pois o olho vê, mas já que não é ele mesmo que sabe que vê, por uma razão mais forte ele só pode saber que não é ele que entende. Assim, o conhecimento que se sobreporia ao ser e à vida como um terceiro

⁶² GILSON, *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. p. 37.

⁶³ *Ibid.* p.197.

termo, decompõe-se em três termos hierarquizados: sentido exterior, sentido interior, razão.⁶⁴

Da mesma forma, Santo Agostinho relata essas três realidades do conhecimento.

Ev. Por serem três as realidades: o ser, o viver e o entender. É verdade que a pedra existe e o animal vive. Contudo, ao que me parece, a pedra não vive. Nem o animal entende. Entretanto, estou certíssimo de que o ser que entende possui também a existência e a vida. É porque não hesito em dizer: o ser que possui essas três realidades é melhor do que aquele que não possui essas três ou duas delas.⁶⁵

Percebemos que pelo conhecimento pode-se chegar à verdade, porém esse conhecimento necessário para a verdade é algo presente apenas nos seres humanos. O homem é o único ser capaz de chegar a Deus.

O primeiro passo para esse conhecimento se dá através dos sentidos exteriores. “O objeto do sentido exterior é a matéria corporal que somente é; o sentido exterior, que a percebe, não é somente, ele vive e por isso o sentido exterior é superior ao seu objeto.”⁶⁶ Apesar de sua importância, os sentidos exteriores podem enganar o homem e confundir-lo.

Em seguida temos os sentidos interiores.

A verdadeira resposta é que o sentido interior dirige e julga o sentido exterior. É ele quem adverte a visão para ver um objeto ou para dele se desviar; ele também comanda à audição estar mais atenta e julga a doçura ou a rudez dos discursos. Ora, não há dúvida que aquele que julga é superior àquilo que julga, então a superioridade do sentido interno em relação aos sentidos externos não pode ser contestada.⁶⁷

E também.

Ev. É porque eu reconheço no sentido interior um guia e um juiz dos sentidos exteriores. De fato, quando estes faltam em algo de suas funções, o sentido interior reclama os seus serviços, como junto a um servidor, conforme dissemos em nossa conversa anterior. Na verdade, o sentido da vista, por exemplo, não vê a presença ou a ausência da visão. E porque não vê, não pode julgar sobre o que lhe faltou ou lhe basta. Esse é o papel do sentido interior. É esse que no próprio animal adverte-o a abrir o olho fechado, e a suprir a falta que percebe haver.

⁶⁴ GILSON, *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. p. 37-38.

⁶⁵ AGOSTINHO, Santo. *O livre-arbítrio*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008. p. 81.

⁶⁶ GILSON, *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. p.38.

⁶⁷ *Ibid.* p.38.

Ora, ninguém duvida desta regra: “Quem julga é superior àquele sobre o que julga”.⁶⁸

O sentido interior, seria, portanto, um julgamento sobre os sentidos exteriores. Esse sentido permite ao homem ter consciência sobre os corpos.

Por fim, temos a razão humana, uma forma de consciência dos sentidos externos e interiores.

Ag. Portanto, acima da natureza – que apenas existe, sem viver nem compreender, como acontece com os corpos inanimados – vem a natureza que não somente existe, mas que também vive, sem contudo ter a inteligência, como acontece com a alma dos animais; e por sua vez, acima dessa última vem aquela natureza que ao mesmo tempo existe, vive e entende, aquela que é a alma racional do homem.⁶⁹

E também.

Ag. Logo, qualquer seja essa outra faculdade capaz de ter o sentimento de tudo que sabemos, ela está ao serviço da razão à qual apresenta e traz tudo o que apreende. De maneira que os objetos percebidos possam ser diferenciados entre si e conhecidos não somente pelos sentidos, mas ainda por conhecimento racional.⁷⁰

2.1 NO MANIQUEÍSMO

O maniqueísmo a princípio pareceu dar certo alento aos questionamentos interiores de Agostinho. Famosos durante o século IV, essa seita parecia ser formada por sábios, na qual mostravam possuir e conhecer a verdade que o jovem de Hipona tanto procurava.

Esses homens eram conhecidos como maniqueus. Seu fundador fora Mani, “O Apóstolo de Jesus Cristo”. Na mesopotâmia, Mani havia recebido uma mensagem inspirada e, no ano de 276, fora executado pelo governo persa. A disseminação de sua religião no mundo cristão romano foi um sintoma notável da turbulência religiosa da época. E expansão posterior do maniqueísmo para Extremo Oriente é ainda mais espantosa.⁷¹

⁶⁸ AGOSTINHO, **O livre-arbítrio**. p. 90.

⁶⁹ *Ibid.* p.92.

⁷⁰ *Ibid.* p.85-86

⁷¹ BROWN, Peter. **Santo Agostinho, uma biografia**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020. p.52

Durante nove anos seguintes, Agostinho buscou a verdade e o sentido da vida dentro da doutrina dos maniqueus, mas por vezes, os ensinamentos deles perturbava seu interior.

Caí nas mãos de homens desvairados pela presunção, extremamente carnais e loquazes. [...] Repetiam: “Verdade, Verdade!” E me falavam muito dela, mas não a possuíam; pelo contrário, ensinavam falsidades, não só a teu respeito, que és realmente a verdade, mas também sobre a existência do mundo, criatura tua.⁷²

A verdade não estava com os maniqueus, eles não conseguiam dar respostas e sentido às indagações de Agostinho.

“Verdade, verdade! Já então, suspirava por ti do mais íntimo do meu ser [...]. Eu tinha fome de ti, e as iguarias que, ao invés de ti, me eram apresentadas, eram o sol e a lua, tuas belas criaturas, mas sempre criaturas, não tu mesmo [...].⁷³

E também.

Eram-me apresentadas fantasias brilhantes; teria sido melhor amar o próprio sol, verdadeiro ao menos para os olhos, em lugar daquelas falsidades destinadas a enganar a inteligência através dos olhos. [...] Eram de fato pura fantasia, falsas realidades.⁷⁴

2.2. A ORIGEM DO MAL

Na sua busca pela verdade, Agostinho se deparou com o problema do mal, questionando sobre a sua existência e ação sobre o mundo. Muitas perguntas formaram-se nesse processo: O que é o mal? De onde pode vir ele? Se tudo que Deus criou é bom, por quê existe o mal?

Mas então onde está o mal, de onde veio e como conseguiu penetrar? Qual sua raiz, qual sua semente? Ou talvez não exista? Por que tememos então e evitamos o que não existe? Se tememos o mal sem motivo algum, é esse temor um mal, enquanto sem motivo nos perturba o coração, e tanto mais grave quanto nada há de temer. Portanto, ou o mal que tememos existe, ou o próprio fato de temê-lo é um mal. Mas de onde vem o mal, se Deus é bom e fez todas as criaturas? Ele é certamente o sumo bem, e as criaturas são bens menores. Mas, criador e criaturas, são todos bons. De onde então vem o mal? Porventura da matéria que ele usou? Haveria nela algo de mal, e Deus, ao dar-lhe forma e ordem, teria deixado algo por transformar em bem?⁷⁵

⁷² AGOSTINHO. *Confissões*. p. 68.

⁷³ *Ibid.* p.69.

⁷⁴ *Ibid.* p.69.

⁷⁵ *Ibid.* p.175-176.

Esses questionamentos agitavam seu interior, como ele mesmo descreve. “Tais eram as reflexões que agitavam meu pobre espírito, já sob o peso da pungente preocupação de morrer sem descobrir a verdade.”⁷⁶

Agostinho questionou o mal presente em seus atos.

Eu tentava arrancar meu espírito do abismo, mas afundava de novo, e, apesar dos reiterados esforços, afundava muitas e muitas vezes. A erguer-me para tua luz, ajuda-me o fato de estar seguro de ter tal vontade, assim como tinha certeza de estar vivo. Tinha a certeza de que, sempre que decidia querer ou não querer uma coisa, era eu e não outro quem queria, e via cada vez melhor que aí estava a causa de meu pecado.⁷⁷

Ao olhar para seu interior, novos questionamentos surgiam em seu coração. Tentava além de compreender da ação desse mal, também a sua origem.

Por outro lado, continuava a me perguntar: “Mas quem me criou? Não foi o meu Deus, que não somente é bom, mas é ele a própria bondade? Como explicar que minha vontade tenda para o mal e não para o bem? Será isso talvez uma punição justa? Quem plantou em mim esses germes de sofrimento e os alimentou, uma vez que sou criatura do meu Deus que é cheio de amor? Se foi o diabo, de onde vem ele? Se também ele se tornou diabo por sua própria perversa, ele que era um anjo bom inteiramente criado por um Deus de bondade, de onde lhe veio essa vontade má que o tornou diabo”? E eu ficava novamente deprimido diante de tais reflexões, e sentia-me sufocado, [...].⁷⁸

A verdade foi aos poucos abrindo os olhos de sua alma, ele compreendeu o mal presente nas falsas doutrinas, mas, mesmo refutando a seita maniqueísta e a astrologia, ele ainda não conseguia compreender a origem desse mal, presente tanto no mundo, como em seu interior.

Desse modo, ó meu Socorro, tu me havias libertado dessas cadeias. Eu, porém, continuava a procurara origem do mal, e não encontrava resposta. No entanto, não permitias que o turbilhão de pensamentos me afastasse da fé. [...] Essas verdades estavam firmes e bem arraigadas no meu espírito; eu, porém estava ansioso para conhecer a origem do mal. Que sofrimento para o meu coração!⁷⁹

⁷⁶ AGOSTINHO. **Confissões**. p.176.

⁷⁷ Ibid. p.173.

⁷⁸ Ibid. p.173.

⁷⁹ Ibid. p.180.

Com a leitura dos platônicos, Agostinho voltando o olhar para seu interior, compreende a verdade das coisas criadas, e percebe nessa criação a ação bondosa de Deus.

Vi claramente eu as coisas corruptíveis são boas. Não poderiam se corromper se fossem sumamente boas, ou se não fossem boas. Se fossem absolutamente boas, não seriam corruptíveis. E se não fossem boas, nada haveria de corromper. A corrupção de fato é um mal, porém não seria nociva se não diminuísse um bem real. Portanto, ou a corrupção não é um mal, o que é impossível, ou tudo aquilo que se corrompe sofre uma diminuição do bem. [...] Logo, enquanto existem, são boas. E aquele mal, cuja origem eu procurava, não é uma substância. [...] Desse modo, vi e me pareceu evidente que criastes boas todas as coisas, e que nada exista que não tenha sido criado por ti. E porque não as criastes todas iguais, cada uma em particular existe porque é boa, e tomadas em conjuntos são muito boas. De fato, o nosso Deus “criou todas as coisas muito boas”.⁸⁰

Essa linha de pensamento, fez com que Agostinho rejeitasse de vez ao dualismo maniqueísta, e compreendesse o mal como uma perversão da vontade.

Por experiência compreendi que não é de admirar e o pão, que é tão agradável ao paladar do homem sadio, parece tão detestável ao enfermo, e que a luz, tão cara aos olhos límpidos, seja desagradável aos olhos irritados. [...] E procurando o que era a iniquidade compreendi que ela não é uma substância existente em si, mas a perversão da vontade que, aos afastar-se do Ser supremo, que és tu, ó Deus, se volta para as criaturas inferiores; e, esvaziando-se por dentro, pavoneia-se exteriormente.⁸¹

O mal no pensamento Agostiniano, está relacionado ao livre-arbítrio, ao mau uso da liberdade do homem diante da vida e da criação, gerando consequências negativas para a humanidade.

Se assim é o bem, o mal só pode ser a corrupção de uma das perfeições na natureza que as possui. A natureza má é aquela em que medida, forma ou ordem estão corrompidas, e ela é má somente na exata proporção do grau de sua corrupção. Não corrompida, essa natureza seria toda ordem, forma e medida, quer dizer, boa; mesmo corrompida, ela permanece boa enquanto natureza e é má apenas no tanto em que é corrompida. Essa relação do mal com o bem num sujeito é exprimida ao se dizer que o mal é uma privação. Com efeito, ele é a privação de um bem que um sujeito deveria possuir, uma falta de ser o que ele deveria ser e, por conseguinte, um puro nada.⁸²

⁸⁰ AGOSTINHO. *Confissões*. p.187-188.

⁸¹ *Ibid.* p.190-191.

⁸² GILSON, *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. p. 273.

A compreensão do mal e sua ação no mundo, foi de suma importância na descoberta da verdade, de que existe um bem Supremo, criador de todas as coisas, tudo feito por ele e para ele. “Percebi então o invisível que em ti se torna compreensível através das coisas criadas.”⁸³

⁸³ AGOSTINHO. **Confissões**. p. 192.

3. A ILUMINAÇÃO DIVINA

A razão é um caminho de busca e encontro com a verdade, porém não é a única forma e a mais segura. Para Santo Agostinho, o encontro com a verdade está além dos sentidos externos e do conhecimento pela razão. Cada pessoa pode também encontrar-se com a verdade através dos sentidos interiores, através da fé.

Durante longos anos ele buscou a verdade pela razão; na época de suas convicções maniqueístas, acreditou tê-la encontrado por esse método, então, após um doloroso período de ceticismo, atormentado pelo desespero de encontrar a verdade, constatou que a fé tinha permanentemente à disposição a mesma verdade que sua razão não pudera atingir.⁸⁴

Uma outra forma de se obter conhecimento da verdade, é apresentada por Santo Agostinho como “A iluminação divina”. Uma luz que ilumina o interior do homem, que acende nele uma verdade que não se obtém pelos sentidos externos.

Deus é o mestre interior. Como ele se faz entender por nós e qual é exatamente a natureza de seu ensinamento? Para tornar compreensível seu pensamento sobre esse ponto difícil, Agostinho usa com muita frequência outra metáfora, a da iluminação. Com justiça, ela é considerada tão característica de sua doutrina que, comumente, sua teoria do conhecimento é designada pelo nome “doutrina agostiniana da iluminação divina”.⁸⁵

Deus é a origem e fonte dessa iluminação, Ele é a luz divina que ilumina todos os seres humanos e toda a sua criação. Comparado ao sol, Deus aquece a alma dos seres humanos, ilumina suas escuridões e preenche seus vazios.

Enfim, ela supõe que, como o sol é a fonte da luz corporal que torna as coisas visíveis, Deus é a fonte da luz espiritual que torna as ciências inteligíveis ao pensamento. Portanto, Deus é para nosso pensamento o que o sol é para nossa vista; como o sol é a fonte da luz, Deus é a fonte da verdade.⁸⁶

Para Santo Agostinho, existe uma verdade que passa pela iluminação divina, sendo esse um ato de bondade que parte do próprio Deus. Ele sendo a

⁸⁴ GILSON, *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. p. 61

⁸⁵ *Ibid.* p.159.

⁸⁶ *Ibid.* p.160.

verdade, deseja que o homem participe com Ele desse comunhão, na qual, somente nela o homem encontra a paz e sentido da existência.

Como Deus, que é puro Ser, com a criação participa o ser às outras coisas, assim, analogamente, enquanto é Verdade, participa às mentes a capacidade de conhecer a Verdade, produzindo uma marca metafísica da própria Verdade nas mentes. Deus como Ser nos cria, como Verdade nos ilumina, como Amor nos atrai e nos dá a paz.⁸⁷

Fica claro para Agostinho a possibilidade de duas formas de luz para iluminar o homem. “Em consonância com esta doutrina, Agostinho distingue duas espécies de luz: uma, de natureza corporal e percebida pelos olhos, e outra, espiritual que os capacita a perceber a luz corporal.”⁸⁸

Apesar da importância do conhecimento e da razão para chegar-se à verdade, Santo Agostinho percebe que certas verdades eternas apenas encontram-se em Deus, sendo Ele também eterno.

É um fato que nós, seres temporais, contingentes e mutáveis, podemos conhecer verdades eternas, necessárias e imutáveis; ora, só Deus é eterno, necessário e imutável; logo, tais verdades nos são conhecidas por um contato imediato com Deus.⁸⁹

Deus seria um Sol que ilumina o interior do homem, fazendo com que esse o conheça e encontre nele a verdade suprema e eterna. Essa iluminação da alma, por sua vez, é muitas vezes uma iniciativa de Deus para aqueles que já caminham pela estrada da fé.

Comparar Deus a um sol inteligível é, de início, marcar a diferença entre o que é inteligível por si e o que deve ser tornado inteligível para sê-lo. O sol é, ele é luminoso e torna luminosos os objetos que ilumina. Assim, há uma grande diferença entre o que é visível por natureza, como a luz solar, e o que é visível somente por uma luz emprestada, como a terra quando o sol a ilumina. Igualmente, é importante distinguir Deus, considerado em seu ser próprio, a inteligibilidade de Deus, que de nada depende a não ser de si mesma, e as ciências, de que toda inteligibilidade é emprestada de Deus. Essa comparação retira a luz própria das verdades percebidas pela alma, tal como as coisas não têm luz sem o sol que as clareia. Todavia, é necessário observar que isso é somente uma comparação e que, ademais, aqui a inteligibilidade das

⁸⁷ REALE, p. 457.

⁸⁸ GILSON, Philotheus Boehner/Etienne. **História da Filosofia Cristã**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 158

⁸⁹ GILSON, **História da Filosofia Cristã** p.163.

ciências encontra-se mais reduzida à luz divina do que sua compreensão pelo pensamento.⁹⁰

A verdade é uma luz que ilumina o homem e essa luz, em Agostinho, e o próprio Deus, que ilumina o interior de cara ser humano, essa luz é a única capaz de clarear toda e qualquer escuridão.

Entrei e, com os olhos da alma, acima destes meus olhos e acima da minha própria inteligência, vi uma luz imutável. Não era essa luz vulgar e evidente a todos os olhos da carne, ou uma luz mais forte de todo gênero. Era como se brilhasse muito mais clara e tudo abrangesse com sua grandeza. Não era uma luz como esta, mas totalmente diferente das luzes desta terra. Também não estava acima da minha mente como o óleo sobre a água nem como o céu sobre a terra, mas acima de mim porque ela me fez, e eu abaixo porque fui feito por ela. Quem conhece a verdade conhece esta luz, e quem a conhece conhece a eternidade.⁹¹

O encontro com a verdade, se dá a partir, desse encontro com o próprio interior, onde o homem encontra-se consigo mesmo e com Deus. “O homem, enquanto dotado de intelecto, é naturalmente um ser iluminado por Deus.”⁹² É em Deus que está a fonte de todas as verdades. “Ele especifica que não vemos somente a verdade por Deus, mas nele, o que significa afirmar que é na verdade divina que vemos a verdade e que, no tocante a nós, a visão desta verdade divina nos permite conceber as verdades.”⁹³

Do mesmo modo, subsistimos porque nos banhamos, por assim dizer, na virtude divina, que nos faz ser; também por isso, pensamos o verdadeiro apenas na luz de sua verdade. Por mais admiráveis que sejam, essas fórmulas agostinianas exprimem somente a dependência ontológica total do intelecto humano em relação a Deus, do qual tem o ser, a atividade e a verdade. Se a operação de Deus parar, as criaturas param de agir e de ser; se a presença iluminadora da verdade cessar no homem, o espírito do homem é imediatamente lançado nas trevas.⁹⁴

E também.

Resulta daí que o intelecto humano, iluminado por Deus, é capaz de formar um conhecimento verdadeiro das coisas, que ele percebe com a ajuda dos sentidos. Logo, há uma colaboração necessária entre a iluminação divina, o intelecto humano e os sentidos corporais em nosso

⁹⁰ GILSON, *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. p. 162

⁹¹ AGOSTINHO. *Confissões*. p. 186.

⁹² GILSON, *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. p. 167

⁹³ *Ibid.* p.169.

⁹⁴ *Ibid.* p.170.

conhecimento das coisas exteriores e das verdades que se referem a elas.⁹⁵

Santo Agostinho percebe que naquilo que é belo e harmonioso está a verdade. “Eu via e observava, então, que num corpo, uma coisa é a beleza no seu todo, outra é a sua sintonização com os outros corpos, e isso é harmonia, tal como a parte em relação ao todo, o calçado em relação ao pé, e coisas semelhantes.”⁹⁶

Deixando ser orgulho de lado e abraçando a fé, Agostinho faz sua experiência com a verdade, através desse encontro, ele percebe a verdade como a essência de todas coisas.

Se isso é verdadeiro para qualquer essência, por razões mais fortes o é sobre a verdade, pois a verdade não é somente uma essência, é a essência das essências. Com efeito, as coisas só são na medida em que são verdadeiras, de modo que a verdade descobre ser, por assim dizer, o fundamento de sua própria essência. Disso resulta que, nada podendo ser contrário a uma essência em geral, é ainda muito menos possível que algo seja contrário à essência das essências, que é a verdade. Ora, a Verdade é Deus, de quem sabemos que a alma tem seu ser. Assim, visto que a alma tem seu princípio de um princípio que não tem contrário, nada pode fazer com que o ser seja afastado dela e, conseqüentemente, ela não pode deixar de ser. Mas o Ser que ela recebeu da Substância que não tem contrário é precisamente a vida, e, assim também, ela não pode morrer.⁹⁷

O encontro com a verdade é o encontro com o amor, pois só se ama aquilo que se conhece. “Imediatamente uma conclusão se impõe: nunca amamos o desconhecido.”⁹⁸

Enquanto não é iluminado no seu interior, o homem é capaz de buscar a verdade no erro, e proclamar esse erro como uma verdade, não porque ama o erro, mas porque busca e quer amar a verdade.

Objetar-se-á, talvez, que muitos homens parecem satisfeitos em viver no erro e que obstinadamente proclamam-no verdadeiro. Mas é porque precisamente detestam o erro que o proclamam verdadeiro, pois os homens amam tanto a verdade que querem que tudo o que amam seja a verdade.⁹⁹

⁹⁵ Ibid. p.172.

⁹⁶ GILSON. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. p.101.

⁹⁷ Ibid. p.116-117.

⁹⁸ Ibid. p.199.

⁹⁹ Ibid. p.205.

Fica claro para Santo Agostinho, que pelo conhecimento, pela razão, o homem encontra a verdade, mas essa verdade passa também e se faz necessária através de uma luz que brota do próprio Deus. Essa luz ilumina o homem no seu mais íntimo e o leva a encontra-se com seu interior.

Eis-me, Senhor, eu confio a ti meus cuidados para poder viver, e “contemplarei as maravilhas da tua lei”. Conheces a minha inexperiência e a minha fraqueza. Ensina-me e cura-me. Teu Filho unigênito, “no qual se acham escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência”, ele me remiu com seu sangue. “Não me oprimam os soberbos”, porque conheço o preço da minha redenção, e faço dele o meu alimento e a minha bebida, e o distribuo. Sendo pobre, desejo dele saciar-me, juntamente com aqueles que dele se alimentam e são saciados. “Louvarão o Senhor aqueles que o buscam.”¹⁰⁰

O encontro com a verdade, está para Agostinho, no encontro com a pessoa de Jesus, a Verdade Suprema e Imutável. Esse encontro acontece através da luz da razão, quando o homem pelo conhecimento chega à verdade, mas de forma mais perfeita esse encontro se dá, quando a alma humana é iluminada por Deus, através da luz da fé. Agostinho enxerga a razão e a fé como dois caminhos para encontrar-se com a verdade.

¹⁰⁰ AGOSTINHO. **Confissões**. p. 321.

III. A VERDADE COMO SENTIDO DA VIDA

1. A PERDA DO SENTIDO PARA O HOMEM MODERNO

O mundo moderno apresenta como nunca na história, uma perda de sentido e de viver para as pessoas. Nunca se houve tantas pessoas vivendo por viver, seguindo rotinas cansativas de forma mecânicas e robóticas. Não existe mais prazer ou gosto por aquilo que se faz, não existe mais um porquê de acordar todos os dias.

Muitas são as justificativas dadas pela psicologia para esse drama crescente no mundo, mas Santo Agostinho, em mais de 15 séculos atrás, compreende essa falta de sentido. “Tu o incitas para que sintas prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em Ti”.¹⁰¹

A vida humana é uma constante busca, pelo sentido e pelo viver. “[...] o homem é motivado sobretudo pela busca de um sentido para sua existência, pelo esforço em cumprir esse sentido, o que lhe permite realizar o máximo de potencialidades. Em suma, o homem é motivado pela vontade do sentido.”¹⁰²

Percebe-se que a humanidade mergulhou num mar de vazio existencial, nada mais faz sentido, não existe mais motivo para viver ou lutar pelos ideais.

O vazio existencial é um fenômeno generalizado da atualidade, o que é compreensível se considerarmos a dupla perda que o homem sofreu desde que se tornou um ser verdadeiramente humano. No início da história humana, o homem perdeu os instintos animais básicos que formam o comportamento do animal e que asseguram sua existência. Tal segurança, como o Paraíso, perdeu-se para sempre: o homem deve fazer escolhas. Além disso, o homem sofreu outra perda em seu desenvolvimento mais recente, visto que as tradições que sustentavam seu comportamento estão agora diminuindo rapidamente. Nenhum instinto lhe diz o que ele deve fazer e nenhuma tradição lhe diz o que ele deveria fazer. Logo, ele já não saberá nem o que deseja fazer. Cada vez mais preocupado com o que os outros desejam que ele faça, será vítima perene do conformismo.¹⁰³

¹⁰¹ AGOSTINHO. **Confissões**. p. 15.

¹⁰² FRANKL, Viktor. **A falta de sentido**: um desafio para a psicoterapia e a filosofia. Campinas: Auster, 2021. p. 45.

¹⁰³ Ibid. p.60-61

Como visto em Agostinho, o prazer é muitas vezes motivo da falta de sentido para a pessoa humana, o prazer pelo prazer gera tristeza e angústia.

O desejo de prazer não só contradiz o caráter auto transcendente da realidade humana, mas também se autodestrói. É a própria busca pela felicidade que impede a felicidade. A felicidade não pode ser buscada; deve acontecer naturalmente. A felicidade está disponível apenas como um subproduto, como o efeito colateral de viver a autotranscendência da existência. Uma vez que alguém cumpre com o seu sentido ou ama o ser humano, a felicidade ocorre por si mesma. Por outro lado, quanto mais alguém faz da felicidade um objetivo, mas esse objetivo lhe escapa.¹⁰⁴

Diferente dos animais, os seres humanos não são guiados apenas por instintos primitivos. Em cada pessoa se faz necessário o sentido e valor daquilo que está vivendo, seja de bom ou ruim.

O que conduz e orienta o homem em sua busca de sentido? a sua consciência. A consciência pode ser definida como um meio de descobrir sentidos, “farejá-los”, por assim dizer. A consciência permite que o homem chegue aos sentidos únicos latentes em todas as situações que constituem a vida; mas também pode desencaminhá-lo. A consciência pode errar, de modo que o homem não sabe se sua consciência está certa e a de outra pessoa, que lhe diz algo diferente, está errada, ou se o contrário é verdadeiro. Não que não exista uma verdade; ela existe. Mas ninguém pode ter certeza absoluta de que chegou à verdade.¹⁰⁵

Apesar de que para o autor Viktor Frankl, ninguém conseguir dar uma certeza de que encontro a verdade, em Santo Agostinho essa certeza se dá no encontro com a pessoa de Jesus, Verdade Suprema, Imutável e Eterna. Para o bispo de Hipona esse encontro com a verdade, é o por si só o encontro com o sentido da vida.

Criado por Deus, Ser perfeito e infinito, o homem tem desejo pelo mesmo infinito, e somente em Deus encontra o preenchimento do seu vazio. A criatura somente se realiza no encontro com seu Criador, sendo criado no amor, é na fonte do amor que o homem se realiza. Seguindo nessa linha de pensamento Agostiniano, pode-se compreender alguns caminhos responsáveis pelo desencadeamento dessa crise da falta de sentido: Niilismo, racionalismo, materialismo e o ateísmo.

¹⁰⁴ FRANKL, Viktor. **A falta de sentido**. p. 42

¹⁰⁵ Ibid. p.43.

1.1 NIILISMO

O niilismo surge como o primeiro passo para crise do homem, fazendo desse tempo presente, um tempo de tribulação, de perda de valores, não existindo mais mistérios e o sobrenatural. O homem é aquilo que ele pode tocar ou ver somente. “O homem atual vive uma sensação de dilaceramento e desencaixamento. O homem, portanto, deve habituar-se a viver numa situação na qual não há mais nenhuma garantia, tampouco certeza fundamental.”¹⁰⁶

Como uma linha do pensamento filosófico, o niilismo adentrou no pensamento humano, fazendo o homem perder a sensibilidade das pequenas coisas. Nada mais faz sentido, já não se existe mais respostas para a vida, não existe motivos para acreditar, tudo termina em um nada. “O niilismo é aquela corrente de pensamento que não aceita a certeza como possibilidade de conhecer a realidade em si.”¹⁰⁷

O niilismo, portanto, não é somente sinônimo da crise de valores, segundo aquele significado popular que havia no século XVIII, onde o termo pretendia indicar um espírito crítico que refutasse qualquer valor autoridade. O termo *nihil* (nada), embora conservando aquele significado original negativo, assumiu outras características e nuances, tornando-se uma palavra chave da nossa cultura. O niilismo, ao menos numa primeira aproximação, poderia ser definido como o problema da presença do nada, ou ainda, do triunfo do nada na nossa experiência. Aqui se coloca a ausência de fundamento e a falta de certezas, valores e verdades estáveis.¹⁰⁸

Seguindo com essa corrente filosófica, a verdade deixou de existir, perdendo seu valor sagrado. A modernidade é vista como uma época em que as pessoas não mais necessitam da segurança de acreditarem em algo maior, sendo a verdade um valor ultrapassado, que precisa ser deixado para trás. “Com a dissolução do conceito de verdade, a verdade primeira que era Deus também se dissolve, e, portanto, *Deus está morto*.”¹⁰⁹

Com a ideia da morte de Deus e com avanço do pensamento niilista, o homem se distanciou ainda mais da sua essência. Perdendo o rumo da

¹⁰⁶ **PÓS-MODERNIDADE E NIILISMO**. Rio de Janeiro: Revista Alceu, v. 7, n. 13, 2006. p. 209 Semestral. Disponível em: http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n13_DossieTeixeira.pdf. Acesso em: 16 nov. 2021.

¹⁰⁷ Ibid. p.210.

¹⁰⁸ Ibid. p.211.

¹⁰⁹ Ibid. p.212.

verdade, o mundo entra numa decadência de sentido, perdendo sua própria identidade e liberdade. As pessoas ficam presas a um vazio, que conforme visto no pensamento agostiniano, um vazio que somente Deus, que é a verdade por excelência pode preencher.

1.2 RACIONALISMO

O racionalismo é uma corrente filosófica que defende que a razão é a única forma de o homem obter conhecimento e alcançar a verdade. “O racionalismo em si considerado não é outra coisa que a autonomia absoluta da razão em ordem à verdade, um sistema que repele o sobrenatural e não admite outra fonte de verdade que a razão humana.”¹¹⁰ Para Agostinho, tanto a razão como o conhecimento, são formas de se encontrar com a verdade, porém, o mesmo declara que existe uma verdade interior, que somente pela fé e por uma ação direta de Deus, o homem pode chegar a conhece-la.

Portanto, fica claro, o racionalismo por si só não é capaz de dar todas as respostas para o homem e não pode ser fonte de todas as verdades. Esse também pode ser um caminho de perda de sentido da vida, quando as pessoas tentam dar respostas e significados a coisas que somente a fé pode dar.

[...] a história nos diz que fora do Cristianismo os filósofos não souberam determinar o fim do homem. Logo, muito menos puderam resolver o problema da vida, nem dirigir a humanidade por caminhos certos. A filosofia materialista nega a espiritualidade da alma, e, negada esta, nega-se a liberdade, o mérito, a lei moral, a vida cristã. O racionalismo, ainda que admitindo as categorias lógicas, se declara incapaz de explicar a origem da vida pelo fato de negar a intervenção do sobrenatural na marcha do espírito.¹¹¹

A razão, e somente ela, nunca será capaz de dar sentido á vida, de encontrar respostas para as inquietações da alma humana. Os seres humanos não são apenas matéria, também são espírito, assim se faz necessário uma razão unida a espiritualidade.

[...] mas o problema da vida moral é um mistério muito mais profundo e incompreensível para o filósofo racionalista que tenta explicar os fenômenos da alma sem o concurso do sobrenatural. O problema da vida está intimamente ligado ao nosso fim último, e qualquer erro sobre

¹¹⁰ CANTERA, Padre Eugênio. **O Cristo e a Filosofia**. Sertanópolis: Calvariae Editorial, 2019. p. 297.

¹¹¹ Ibid. p.224.

a nosso destino transcende a vida inteira do cristão, cujos atos devem ser ordenados à consecução da felicidade suprema.¹¹²

Sendo o homem também dotado de uma alma, é normal que o mesmo queira dar sentido e respostas para o que somente pela razão não se consegue. O homem tem necessidade de crer, de acreditar em algo maior, em prestar culto a divindade, e como percebe-se em Agostinho, essa necessidade é um convite, um chamado do próprio Deus à sua criação, é voltando-se ao criador, que a criatura amada encontra repouso e sentido a sua existência. A auto realização está em unir criatura e Criador. “Desterrada a ideia de Deus de todas as manifestações humanas, era inevitável a bancarrota científica, a catástrofe social; sem Deus nada subsiste nem se conserva, tudo fraqueja e desaparece.”¹¹³

Assim se explicam as agitações das almas e as inquietações dos povos que diariamente nos alarmam e comovem; assim veio a dissolução de costumes que hoje reina, a rebelião das concupiscências que tudo avassala; assim se compreendem os rugidos da fera revolucionária que ameaça devorar tudo para saciar seus ferozes instintos.¹¹⁴

Na busca pela verdade, a razão tem seu papel e importância, mas ela sozinha não é suficiente para dar os meios ao homem de chegar e conhecer essa verdade. A razão sozinha, pode levar o homem ao erro, negando a essência das coisas.

A razão não cria a verdade, descobre-a; a verdade não é uma concepção livre do entendimento nem produção espontânea do espírito; a razão investiga, busca o que é, não o que poder ser; inquire a realidade que é causa da verdade em nós. [...] A verdade é reprodução, reflexo exterior; os objetos que existem fora da nossa alma despertam a atividade natural da potência cognoscitiva e constituem a medida da verdade que encerram em seus atos.¹¹⁵

Razão e fé, são as duas colunas que sustentam o pensamento humano na busca pela verdade e conhecimento, uma completa a outra, faltando uma, o ser humano pode se perder em superstições ou num racionalismo cego, que não consegue ver além do que se pode sentir.

¹¹² CANTERA. **O Cristo e a Filosofia**. p. 224.

¹¹³ Ibid. p.296.

¹¹⁴ Ibid. p.296.

¹¹⁵ Ibid. p.212

1.3 MATERIALISMO

O materialismo é uma corrente filosófica que tem como doutrina apenas a existência da matéria, negando a existência da alma e do mundo espiritual. Surgindo na Grécia antiga com Demócrito, Leucipo e Epicuro, esse pensamento ganhou novas formas com o passar dos séculos.

Essa doutrina filosófica, ganhando novas forças, foi uma das responsáveis pela perda de sentido do mundo atual. O homem voltando-se apenas para a matéria e negando o espiritual, não conseguiu respostas e nem sentido para aquilo que busca.

Toda a realidade se encerra na existência dos corpos. Matéria e força explicam tudo o que é, e não apelam para nenhuma causa supra-sensível; no universo submetido ao nosso conhecimento nenhuma manifestação espiritual, irreduzível à quantidade e ao movimento. Fora do universo nenhuma ser transcendente, postulado como Causa eficiente e final dos Cosmos. A natureza material basta em si mesma e todas as manifestações de sua atividade não ultrapassam o domínio de uma mecânica sábia e complicada. Eis as grandes linhas do materialismo: velho sistema de há muito conhecido na história da filosofia e que periodicamente emerge do esquecimento, para, mal disfarçado com as últimas roupagens científicas, lograr por algum tempo, no mundo dos espíritos medíocres, a popularidade de voga efêmera.¹¹⁶

O renascimento dessa corrente materialista acontece no século XVIII, através do progresso científico e na metade do século XIX, como forma de reação contra a metafísica e o transcendental. “Toda a realidade se reduz aos elementos extensos do nosso corpo e dos corpos que nos cercam. Tudo o que é resolve-se em matéria e a matéria resolve-se em atos.”¹¹⁷

O materialismo acabou por afastar tanto o homem de Deus, que passou a dar explicações materialistas a tudo que compõe o universo, para eles já não existe mais mistério e espiritualidade, tudo parte da matéria, tudo se encerra da matéria, o homem e todo o universo passa a ser um amontoado de células, átomos e moléculas. A alma já não existe, portanto não há motivos para crer ou buscar a Deus.

¹¹⁶ FRANCA. **O problema de Deus**. Sertanópolis: Calvariae Editorial, 2019. p. 119-120.

¹¹⁷ Ibid. p.122.

Como vedes, a explicação materialista do Universo elimina completamente a Deus e pretende dar uma resposta definitiva às duas grandes questões que, ante o espetáculo do Universo, se põem inelutavelmente à razão humana; uma *questão de natureza* e uma *questão de origens*.¹¹⁸

Seguindo com esse pensamento, as pessoas passaram a olhar a natureza das coisas contempladas e apenas a manifestação da matéria nelas. Quanto a origem dessas coisas ou do universo, a matéria é vista com propriedades eternas, encerrando assim a questão da origem. “Na explicação da natureza do Universo, o materialismo revelou-se de uma pasmosa incapacidade de análise.”¹¹⁹

Na explicação sobre a vida e sua origem, o materialismo também falhou em dar respostas ao homem, pois se para eles a vida realizou-se do acaso, a própria ciência moderna derruba esse argumento dizendo que um ser vivo só se origina de outro ser vivo. Nada surgiu do nada, existe um Ser maior e eterno.

Compreende-se que o materialismo foi outra forma de afastar o homem de Deus, e um dos responsáveis pela perda de sentido da vida. Preso ao material, o homem não alimenta seu espiritual, não se completa, não consegue ser feliz, torna-se como que oco, um vazio existencial e moral. A verdade já não existe mais, tudo é dúvida, medo e angústia. Essa é uma das crises do homem moderno. “Assim é e assim não podia deixar de ser: afastando-se de Deus ou tentando eliminá-lo, o homem desce do superior para o inferior, baixa, tende do ser para o nada.”¹²⁰

1.4 ATEÍSMO

Outra corrente de pensamento que entrou na filosofia moderna e de modo geral em um grande número de pessoas, é o ateísmo, uma forma de negar e excluir a Deus, mas não somente o Deus cristão, mas qualquer outra divindade. Pode-se dizer que é uma corrente presa a um puro racionalismo e materialismo, onde qualquer possibilidade do espiritual ou de um Ser maior não

¹¹⁸ FRANCA. *O problema de Deus*. p.124.

¹¹⁹ *Ibid.* p.125.

¹²⁰ *Ibid.* p.135.

existem. Nunca como na história da civilização o homem se distanciou tanto de uma crença religiosa, sendo que essa crença já estava presente até mesmo no homem primitivo, como pode-se observar por pinturas das cavernas.

Há uma forma ateísmo teórico e outro que se pode chamar de prática. A primeira é uma negação formal de Deus no domínio da especulação, a segunda uma eliminação real de Deus da esfera da atividade. Assim como a inteligência pode riscar a existência de Deus das listas das verdades e pretender explicar o Universo por si mesmo, assim, e mais facilmente ainda, pode à vontade desterrar a Deus da zona da sua influência, e tentar a organização de uma vida – dos seus pensamentos, dos seus sentimentos, de sua ação – como se Deus não existira. [...] Para Deus, para o cumprimento de sua lei, para a contemplação de suas perfeições infinitas, para toda essa vida espiritual que desabrocha e se desenvolve ao valor das influências divinas, não há tempo nem lugar. Só se vive para a terra e para caducidade de seus interesses efêmeros.¹²¹

Como visto em Agostinho, o homem é um ser espiritual, ele tem necessidade de crer, de buscar algo que seja maior que ele, e para o Santo de Hipona, esse Ser maior é Deus, o único e verdadeiro. Portanto, fica claro, sem Deus o homem perde o sentido da sua existência, não consegue se realizar e nem ser feliz. O mal que o ateísmo causa no homem, é fazer com que ele busque sentido longe de Deus. Negando Deus, busca-se algo que somente Ele pode dar, e por não encontrar, o homem se perde, entra em crise. “A afirmação de Deus é ao mesmo tempo a afirmação da Razão, da Verdade e da Justiça, como realidades primeiras e superiores, dominantes e moralmente exigentes.”¹²²

A religião é, em segundo lugar, o contato imediato com as realidades espiritualizadoras; o seu fim é a realização do homem, como espírito, isto é, do homem no que ele tem de próprio e especificamente seu. [...] Todo homem que se escraviza a uma paixão, que não trabalha sinceramente para a conquista da sua liberdade moral, lançou no fundo de sua alma um germe fecundo de ateísmo.¹²³

Negando a religião, o ateísmo nega a auto realização do homem e seu fim nessa vida. “Numa palavra evangélica que tudo resume e com a qual concluímos, para ir a Deus é preciso amar a verdade, amá-la sinceramente, amá-la sem restrições de espécie alguma, amá-la, a ponto de não hesitar diante de nenhum sacrifício exigido para transformá-la em realidade de vida.”¹²⁴

¹²¹ FRANCA. **O problema de Deus**. p.138-139.

¹²² Ibid. p.149.

¹²³ Ibid. p.150-151

¹²⁴ Ibid. p.152.

2. A VERDADE PARA UMA VIDA BEATA

O sentido da vida está relacionado a felicidade. Só consegue ser feliz aquele que encontrou sentido para sua própria existência. Existem diversas formas de se obter a felicidade, mas nenhuma delas é capaz de mais realizar o homem do que o seu encontro com a Verdade. Sabemos que a Verdade é para Santo Agostinho uma pessoa, Jesus Cristo, e é somente nele que o homem se realiza como pessoa.

Como devo procurar-te, Senhor? Quando te procuro, ó meu Deus, procuro a felicidade da vida. Procurar-te-ei, para que minha alma viva. O meu corpo, com efeito, vive da minha alma, e minha alma vive de ti. Como então devo procurar a felicidade? [...] Que a possuímos, é certo, mas não sei de que maneira. Há um modo de possuí-la que nos torna felizes, e há os que são felizes pela esperança de possuí-la. Estes a possuem de modo inferior aos que já são felizes pela posse real, estando, porém, em melhores condições do que os que não são felizes nem na realidade nem na esperança.¹²⁵

Todos desejam a felicidade e podem encontra-la, seja nos bens materiais, no conhecimento, nos prazeres, mas essas são alegrias passageiras, elas deixam um vazio no homem e não o satisfazem por completo. Isso acontece, porque a felicidade é muito mais que um sentimento, ela é uma pessoa, e é nessa pessoa que Agostinho encontra a felicidade verdadeira.

Então retomei o discurso: Todos queremos ser felizes? Mal acabei de pronunciar isso, concordaram com uma só voz. Parece-vos, disse, que é feliz aquele que não tem o que quer? Negaram. Mas então, é feliz aquele que tem aquilo que quer? Então, minha mãe disse: Se a pessoa quer coisas boas e as tem, então é feliz; mas se quer coisas más, muito embora as possua, é miserável.¹²⁶

E também.

Longe de mim, Senhor, longe do coração de teu servo, que se confessa diante de ti, longe o pensamento de que uma alegria qualquer possa torna-lo feliz. Há uma alegria que não é concedida aos ímpios, mas àqueles que te servem por puro amor: essa alegria és tu mesmo. E está é a felicidade: alegrar-nos em ti, de ti e por ti. Está é a felicidade, e não outra. Quem acredita que exista outra felicidade persegue uma alegria que não é verdadeira. Contudo, a sua vontade não se afasta de certa imagem de alegria.¹²⁷

¹²⁵ AGOSTINHO. **Confissões**. p. 288.

¹²⁶ AGOSTINHO, Santo. **Sobre a vida feliz**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 17.

¹²⁷ AGOSTINHO. **Confissões**. p. 291.

Percebemos tanto em Agostinho como nas demais pessoas uma semelhança, o desejo da felicidade. “O que ele procura é um bem cuja posse satisfaz todo desejo e, por consequência, confere a paz.”¹²⁸ Essa felicidade está totalmente ligada a verdade, sendo esse um ponto essencial para uma vida de beatitude.

Com efeito, a beatitude pode implicar, e implica, o conhecimento da verdade como condição essencial, mas na verdade só persegue a beatitude porque apenas ela é beatificadora e somente no tanto que ela é. [...] Para que a alma, sabendo o que ela é, viva de acordo com sua verdadeira natureza, ou seja, para se colocar no lugar que lhe convém: abaixo d’Aquele a quem ela deve se submeter, cima do que deve dominar; acima do corpo e abaixo de Deus.¹²⁹

A verdade é necessária para a felicidade, uma está ligada a outra, e ambas estão ligadas a Jesus. Quando encontrou a verdade, Agostinho encontrou a felicidade. “Ademais, ainda que Agostinho deseje a verdade tendo em vista a felicidade, jamais concebeu a felicidade como possível separada da verdade. A posse da verdade absoluta é a condição necessária da beatitude.”¹³⁰

Como já dito, a felicidade não é simplesmente um sentimento, nem está totalmente ligada aos bens materiais, mas sim a um bem presente na alma humana.

Pode-se carecer de muitas coisas sem perder a felicidade, pois a beatitude é um bem do espírito que a perda de todos os bens materiais não poderia comprometer em nada; aliás, o sábio apenas deseja o possível a fim de jamais ver seus desejos frustrados. Por outro lado, na ordem do espírito e da sabedoria mesma, a plenitude é absolutamente necessária à felicidade.¹³¹

Se é possível resumir toda a doutrina e pensamento Agostiniano, podemos relacionar todos seus escritos e obras em Deus. Não resta dúvida, Agostinho vê em Deus a fonte de todas as coisas, é ao Criador que todas as coisas estão ligadas, a começar pela verdade, o conhecimento, a felicidade, o sentido da vida. Sem Deus, o homem não passa de um miserável a mendigar migalhas nas coisas e pessoas.

¹²⁸ GILSON, **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. p. 17.

¹²⁹ *Ibid.* p.17-18.

¹³⁰ *Ibid.* p.20.

¹³¹ *Ibid.* p.21.

Resulta daí que, fora dessa posse de Deus, só existe a miséria para o homem. Viver bem é precisamente esforçar-se para possuí-lo. Da fonte da verdade brota, por assim dizer, sem cessar, em nossa direção, uma espécie de apelo que nos rememora a lembrança de Deus, convidando-nos a buscá-lo e nos faz sequiosos dele. É dessa verdade, ou seja, de Deus, que retiramos todas as nossas verdades, ainda que não usemos, nem poderíamos, contemplá-la na sua essência. Portanto, por mais tempo que tenhamos buscado Deus, ainda não bebemos na fonte mesma e ainda estamos embebedos de sua plenitude. Isso equivale a dizer que também ainda não estamos prestes a chegar à nossa medida plena e que, a despeito dos favores que Deus nos testemunha, ainda não possuímos nem a sabedoria nem a beatitude. Nosso pensamento não pode estar plenamente satisfeito, nossa vida não pode ser verdadeiramente chamada de vida feliz, a não ser no conhecimento perfeito do Espírito Santo, que conduz à Verdade, no gozo dessa Verdade e, graças à Verdade, na união com a Medida suprema da qual ela procede: Espírito, Verdade e Medida, que são apenas uma única substância, um só Deus.¹³²

A verdade pode ser considerada como senhora da beatitude, é pela verdade que se chega à verdade, sendo essa um fim enquanto bem. “Isso dito, permanece verdadeiro que a alegria beatificadora, à qual Agostinho nos convida, é inseparável da verdade da qual ela é a penhora (o embargo).”¹³³

Eis por que no agostinianismo, em que a beatitude é alegria, aquela só pode ser uma alegria nascida da verdade. Eis também o que permite reconciliar dois aspectos muito diversos dessa doutrina em que, apesar de o amor ser a força que deve finalmente abraçar o bem beatificador, assistiremos a uma luta inexplicável contra o ceticismo e o relativismo sob todas as suas formas; pois, a menos que a verdade absoluta seja acessível ao homem, não há beatitude para ele. Uma das raízes mais profundas da doutrina agostiniana da iluminação será precisamente a necessidade de ter, já nesta vida, uma certeza incondicional, garantia de nossa aptidão à Verdade total e beatificadora.¹³⁴

Agostinho via na busca por Deus, uma aptidão necessária para uma pessoa ser feliz. Para ele a felicidade está intimamente ligada a Deus, sendo que Criador e criatura precisam estar em profunda conexão, para que haja uma vida feliz. Quando o homem se desvia, buscando Deus em outras coisas, o seu viver entra em crise e perde o sentido.

Essa será portanto, disse eu, a classificação das questões: aquele que encontrou a Deus e o tem como propício é feliz; todo aquele que procura a Deus e tem a Deus como propício, mas ainda não está feliz; todavia todo aquele que se afasta de Deus por causa dos vícios e

¹³² GILSON, **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. p. 23.

¹³³ *Ibid.* p.26.

¹³⁴ *Ibid.* p.27-28

pecados não só não é feliz, mas nem se quer Deus é propício a seu viver.¹³⁵

A grande crise de identidade atual, onde o homem perdeu o sentido da verdade, acontece pelo fato de a humanidade ter desviado seu olhar e ficar presa a ilusões passageiras. Apesar de considerar possível uma vida de beatitude já nessa vida terrena, o bispo de Hipona também alertava que a alegria plena e perfeita, só é possível na Eternidade. É justamente pelo fato de sermos eternos, que desejamos tanto, já nessa vida, sermos felizes e vivermos bem.

A felicidade tanto terrena como eterna, só é possível pela Verdade, ela é o caminho seguro que o homem pode traçar na busca pelo bem. Por ela, se alcança o ideal e a essência das coisas, ela não engana, ela não traí, mas é porto seguro diante da barca da vida.

¹³⁵ AGOSTINHO. **Sobre a vida feliz.** p. 29.

3. O CRISTO COMO CAUSA DE TODA VERDADE

A vida de Santo Agostinho foi uma constante busca, busca de Deus, busca da verdade, busca pelo conhecimento, busca pelo sentido de ser e existir, mas foi somente quando conheceu a Pessoa de Jesus, que ele compreendeu a fonte e origem de todas as coisas. A verdade é uma só, e é por ela e para ela que todas as coisas estão ligadas, seja no campo moral, intelectual, espiritual e físico. É nessa Verdade Absoluta, que o homem se realiza, se completa e descansa. “Não só ilumina e fecunda a mente divina, mas é também o iluminador da alma humana, e essa irradiação tão luminosa e intensa é ao mesmo tempo integral e indivisível.”¹³⁶

Cristo é a verdade, a verdade lógica, a verdade ontológica, e moral. A verdade ontológica, porque esta é a realidade das coisas conforme as ideias arquetípicas da divindade, e no verbo que é Cristo, essa realidade e conformidade são perfeitas, radicam no ser subsistente, ato puríssimo sem mescla de potencialidade alguma. É a verdade lógica que não é outra coisa que o conhecimento adequado e perfeito da realidade inteligível, e em Deus esta adequação é suprema; conhecendo a si mesmo, conhece todas as coisas, que são graus de imitabilidade de sua essência criadora. É verdade moral, porque sua palavra é expressão sincera do seu pensamento; Jesus não pode enganar-nos porque é a santidade mesma, incapaz de mentir ou de fazer mal. Jesus é a fonte de toda verdade e luz de toda inteligência; é a verdade substancial que participam todos os seres. Não somente é Jesus a verdade existente ab aeterno; é também a verdade revelada no tempo, comunicada aos homens por meio das ciências, das letras e das artes.¹³⁷

Nessa verdade estão ligadas todas as ciências e sabedorias, todo conhecimento tem como origem e fonte e verdade. “Em Cristo se encerram todos os tesouros da ciência e sabedoria divina, e por conseguinte os tesouros da verdade.”¹³⁸

Na filosofia a verdade também deu um novo sentido, como uma luz ela iluminou as trevas da dúvida e restaurou as verdades filosóficas.

Cristo é a verdade na ordem filosófica. Jesus não é um sábio que raciocina suas teorias e erige escolas públicas de discussão e doutrinas; é o Mestre por excelência que restaura as verdades

¹³⁶ CANTERA. **O Cristo e a Filosofia**. p. 202.

¹³⁷ Ibid. p.204-205.

¹³⁸ Ibid. p.205.

filosóficas, incorporando-as de novo ao patrimônio da investigação racional.¹³⁹

No mundo atual, é visto como a tendência é separar a verdade de todo o conhecimento, como se crer em algo ou acreditar em Deus, fossem algo irracional e desequilibrado. A sociedade, de forma geral, tem tentado apagar a verdade das ciências e da história, como se fosse possível desprender toda sabedoria da sua fonte. Negando Deus, o homem nega a si mesmo, nega sua essência e passa a caminhar como um cego num caminho de buracos tropeços.

[...] Não só as ciências eclesiásticas lhe pertencem por completo; nas próprias ciências físicas conta Jesus como uma plêiade brilhantíssima de sábios eminentes que creram nele e afirmaram sua verdade. Físicos tão ilustres como Volta e Ampère, Rontgen e Brandy; químicos tão distintos como Lavoisier e Berzellius, Liebig e Dumas; astrônomos tão célebres como Copérnio e Galileu, Kepler e Newton; matemáticos como Leibntz e Cauchy; Geólogos como Lapparent; Naturalista como Linneu, e tantos outros cujos nomes seria ocioso enumerar e que figuram escritos com caracteres de ouro na história do pensamento humano. [...] Acreditam em Cristo e confessaram que foi Ele quem trouxe ao mundo a luz, a redenção e à vida.¹⁴⁰

Sendo a verdade de todas as coisas, Agostinho compreende que essa mesma verdade é a fonte da vida, a essência da criação, a luz imutável. “Pois em ti se encontra a fonte da vida: graças à tua luz, vemos a luz.”¹⁴¹

¹³⁹ Ibid. p.206.

¹⁴⁰ Ibid. p.210-211.

¹⁴¹ AGOSTINHO. **Confissões**. p. 416.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscar um sentido para a vida e ser feliz, esses foram os anseios da humanidade durante todas as épocas e agora no mundo atual esse desejo encontra-se como nunca, mais forte e presente em todos.

Percebemos ao longo desse trabalho a importância de encontrar-se com a Verdade, que não é somente uma palavra ou uma ideia, mas sim uma pessoa real, que para Santo Agostinho é a pessoa de Jesus. É nele e unicamente nele que o homem descansa, repousa seu coração e espírito agitados pelas coisas desse mundo.

Nunca na história as pessoas precisaram tanto voltar-se a Deus. A ideia de Deus, de alguém que seja maior do que nós, tentou ser derrubada pelas ideologias e filosofias materialistas, mas as consequências nós sabemos quais são: perda do sentido da vida; crise de existência; vazio interior. A verdade perdeu sua importância e valor, a verdade passou a ser aquilo que eu considero nas minhas convicções como verdade.

Tirar Deus do palco da vida foi o maior erro que o homem pode fazer, o preço nós estamos pagando nos dias atuais. Desespero, medo e trevas, três coisas presentes no homem moderno, muitas foram as conquistas, os avanços tecnológicos e científicos, mas por outro lado, vemos um retrocesso no que diz respeito ao ser pessoa, o homem perdeu-se de si mesmo.

Somos mais do que essa vida mostra ser, somos mais do que matéria, existem em cada pessoa humana uma alma imortal, que deseja coisas grandes, que deseja a eternidade. Desde os tempos mais antigos, em todas as civilizações, os povos tentaram dar sentido a essa vida, mostrando que somos mais do que a matéria, do que o corpo físico. De certa forma, o homem já buscava a verdade, buscava preencher o vazio da sua alma. Atualmente isso se faz necessário novamente, enquanto não voltarmos nosso olhar para o alto, enquanto estivermos presas as coisas que passam, não teremos uma vida feliz e com sentido.

Quando descobriu a verdade, Santo Agostinho compreendeu que a felicidade é mais interior do que exterior e ao encontrá-la o homem permanece nela sempre. “Desde o amanhecer permanecerei na tua presença, e te contemplarei, e sempre te confessarei.”¹⁴²

Voltar-se ao interior, eis o caminho para todos nós, enquanto buscarmos fora aquilo que está dentro, não estaremos realizados. A verdade nos chama, grita por cada um, cabe a nós responde-la e aceita-la, é nela que está a alegria e o sentido.

¹⁴² AGOSTINHO. **Confissões**. p. 412.

BIBLIOGRAFIA

Primária

AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1984. Tradução de: Maria Luiza Jardim Amarante.

AGOSTINHO. **Sobre a vida feliz**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Tradução de: Enio Paulo Giachini.

AGOSTINHO, Santo. **O livre-arbítrio**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

Secundária

BROWN, Peter. **Santo Agostinho: uma biografia**. 12. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2020. Tradução de: Vera Ribeiro.

CANTERA, Padre Eugênio. **O Cristo e a Filosofia**. Sertanópolis: Calvariae Editorial, 2019.

FRANCA. **O problema de Deus**. Sertanópolis: Calvariae Editorial, 2019.

FRANKL, Viktor. **A falta de sentido: um desafio para a psicoterapia e a filosofia**. Campinas: Auster, 2021

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial/Paulus, 2010. Tradução de: Cristiane Negreiros Abbud Ayoub.

GILSON, Philotheus Boehner/Etienne. **História da Filosofia Cristã**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

REALE, Dario Antiseri/Giovanni. **FILOSOFIA: antiguidade e idade média**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2017. p 445-471. Tradução de: Pe. José Bortolini.

Terciária

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. Ed. Ver. e aum. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. V.1

O ESTATUTO DA VERDADE EM SANTO AGOSTINHO. Anápolis: Faculdade Católica de Anápolis, 25 fev. 2017. Disponível em: <http://catolicadeanapolis.edu.br/revistamagistro/wp-content/uploads/2017/09/o-estatuto-da-verdade-em-santo-agostinho.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2021

PÓS-MODERNIDADE E NILISMO. Rio de Janeiro: Revista Alceu, v. 7, n. 13, 2006. p. 209 Semestral. Disponível em: http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n13_DossieTeixeira.pdf. Acesso em: 16 nov. 2021.